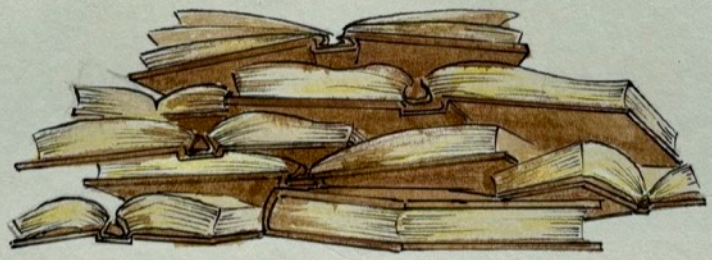
A Saga Magister-Auctor



Pequeno guia para distraídos

Maria Liber (rev.)

Versão 2.16

Título: *A saga Magister-Auctor. Pequeno guia para distraídos*

Título original: *De Magister Auctor Saga. Kleine gids voor verstrooiden.*

Autora: Maria Liber

E-book paginada com tipo de letra Charter 14

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

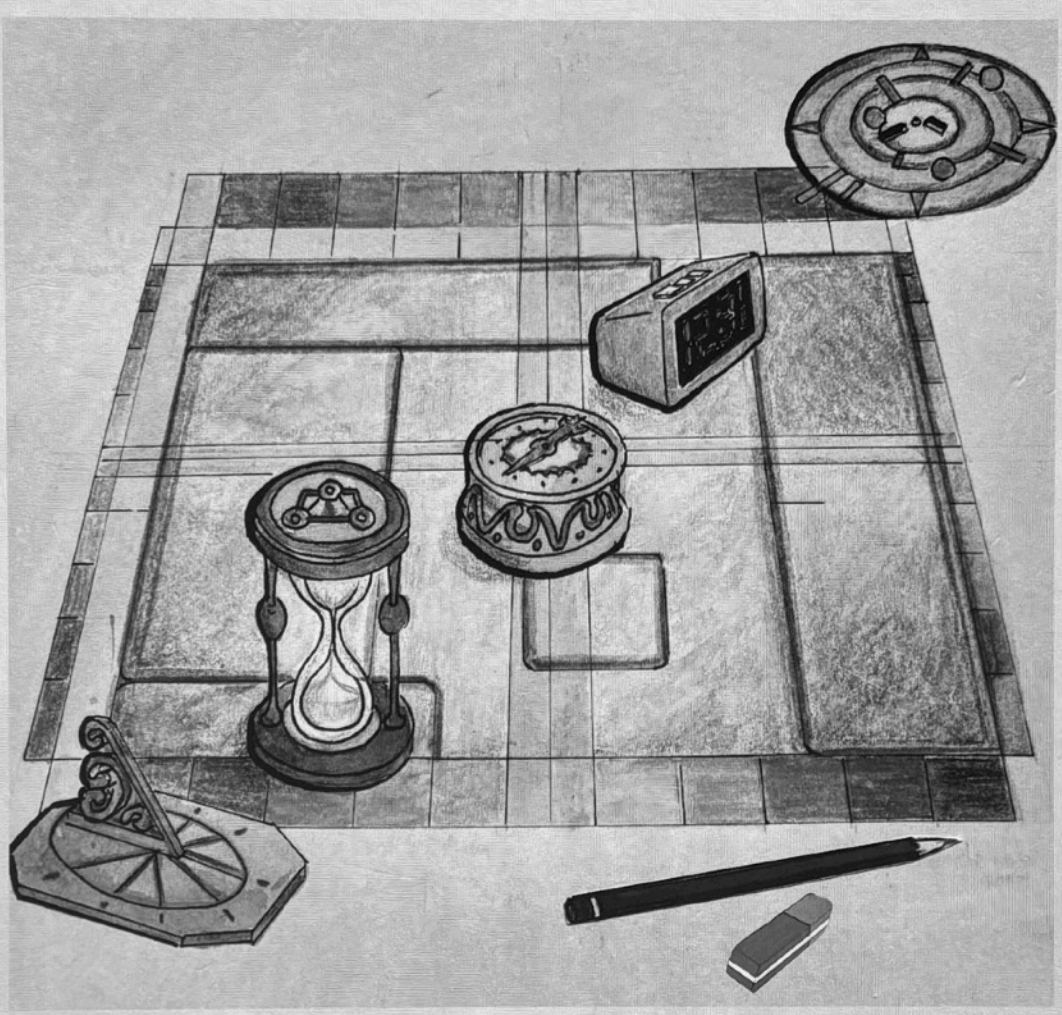
O Calendário Holoceno

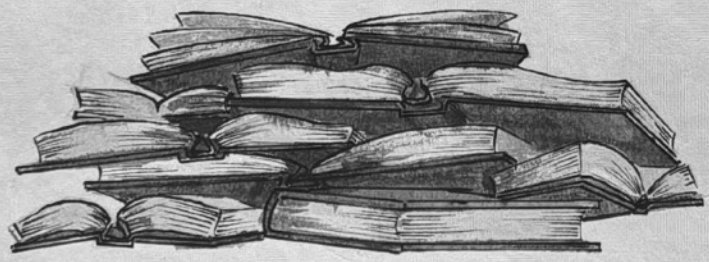
Como é sabido, em Paraíso dos Livros, mais tarde Bibliopolis, o Calendário Holoceno ou o calendário da era humana (HE), baseado na proposta de Cesare Emiliani, tornou-se o calendário commumente aceite.

Recordamos que, desde então, o termo hectano tem sido utilizado para períodos de 100 anos — de 00 a 99.

Para aqueles que ainda não estão totalmente familiarizados com a recém-introduzida Notação Universal da Terra (NUT), vale a pena notar que o ponto agora utilizado nas datas serve para separar o hectano do ano corrente daquele hectano específico. O ano corrente 12225 HE é, portanto, escrito como 122.25 HE, significando o ano 25 do 122º hectano e o ano 2225 d.Chr..

A Saga Magister-Auctor





Pequeno guia para distraídos

Maria Liber (rev.)

Pequeno guia para distraídos (conteúdo)

Pequeno guia para distraídos (conteúdo) ***4***

A Saga Magister-Auctor ***7***

Tabelas de conversão ***17***

Correspondência dos calendários pré-Refundição com a NUT 17

Tabela de correspondência meses antes e depois da Refundição 18

A medição de distâncias 19

Nomes de lugares antes da Refundição ***20***

Continentes 20

Cidades e Polis 20

Países, Reinos e Estados 22

Curtas notas sobre os autores ***26***

Alberto Auctor 26

Babitha Chakma 26

Binh Pham 27

Catarina Auctor 27

Delun Huáng 28

Idrissa Zoungrana 28

Pablo Márquez 29

Lev Auctor 29

Liberty Autor-Liber 30

Maria Liber 30

Moana Southpath 30

Sayen Quispe 31

Umut Aydin 31

Zainabu Cheboi 32

Anexos separados ***33***

De Magister ao Auctor: resistir à ignorância imposta ***34***

A Saga Magister-Auctor ***35***

01 - Prólogo: Imprimatur 35

02 - Uma ideia Perigoso 37

03 - Publicações fora de controle 43

04 - O Privilégio de Saber 45

05 - Os Escravos do Poder 48

06 - A Escola dos Burgueses Iluminados 53

07 - Tempos de Chumbo 56

08 - A Massa Medíocre 63
09 - A Era dos Aprendentes 68
10 - Arrogância & Ignorância 73
11 - O Paraíso dos Livros 81
12 - A Refundição do Mundo 88
13 - O Retorno do Papel 94

Notas sobre as capas dos livros ***98***

De Magister a Auctor. As Dinastias ***112***

A primeira dinastia: de Magister a Lemaître ***112***
1. Wolfgang Magister 112
2. Pieter Lesmeister 112
3. John Lesmeister 113
4. Dieudonné Lemaître 113
5. Jan (Yanne) Lemaître 113
6. Jean Jacques Lemaître 114
7. Lodewijk Lemaître 114
8. Johanna Lemaître 114

A Segunda Dinastia. De Teacher a Demeester ***115***
9. Frederick Teacher 115
10. Jeanne Teacher 115
11. Luis Demeester 115
12. John Demeester 116
13. Paulo Demeester 116
14. Joana Demeester 116

A Terceira Dinastia: De Campos a Auctor ***117***
15. Greta Campos 117
16. Sergio Mestre 117
17. Fernanda Mestre 118
18. Emmy Lehrman 118
19. Lev Auctor 118
20. Alberto Auctor 119

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

A Saga Magister-Auctor

A sério!? Um pequeno guia?

A biografia romantizada dos antepassados de Alberto Auctor continua muito popular entre o público em geral e os profissionais.

Do público em geral, recebemos comentários de quem nos dizem que apreciam muito poder vislumbrar um mundo absolutamente dominado pelo dinheiro e onde aprender estava sujeito à instrução.

Profissionais apreciam a biografia narrativa. Alguns colegas da polis que nos acusam de não separar rigorosamente as histórias da História. Mas há também muitos que nos dão os parabéns. A História é a escrita de histórias dentro de uma história.

Selecionamos uma seleção de histórias significativas. Os co-autores já iniciaram outros projectos e deixaram-me a tarefa de corrigir os detalhes. Faço isso fielmente sempre que alguém aponta contradições ou erros à medida que surgem documentos novos ou recentemente descobertos.

Por que este pequeno guia em 122.22 HE, sete anos após a primeira edição completa da saga e ainda revisto em 122.25 HE?

Confesso. Escrevemos o texto há bastante tempo. Foi o nosso terceiro rascunho definitivo da biografia dos antepassados de Alberto.

Sim, o terceiro rascunho definitivo. Os primeiros e os segundos planos finais pareciam mais esboços confusos do que planos de trabalho. O motivo? O nosso entusiasmo inicial deixou-nos diante de uma quantidade impossível de documentos para ler e

interpretar. Os fanáticos pela arqueologia computacional entre nós acharam que seria divertido organizar o nosso plano de trabalho e os documentos relacionados usando uma antiga base de dados relacional do centésimo vigésimo hectano HE (século XXI d.Chr.). Isso só era possível com hardware que usava uma fruta estilizada como logotipo. Quando ainda existiam marcas registradas e logo's era bastante conhecido. Nos séculos XX e XXI d.Chr. (hectanos 119 e 120) ouvia-se frequentemente que a marca estava à frente de seu tempo. Ainda havia algum material utilizável no departamento da história industrial da Biblioteca Central de Bibliopolis…

Os nossos amigos sugeriram usar esse material justamente porque na época a marca se gabava de ser futurista. É claro que a empresa desapareceu da face da Terra assim que o mercado de ações e a bolsa de valores caíram em desuso. Os nossos amigos ironizaram que isso fez a marca futurista pelo menos por uma vez. Mas a diversão durou pouco: usar essa tecnologia ultrapassada criou mais problemas do que resolveu. Para manter o entusiasmo, recorremos a meios mais simples de co-autoria.

E assim a primeira versão deste Guia viu a luz do dia.

Podemos dizer hoje que *no começo* havia o *Guia*.

Mas apenas parra auto-orientação.

Demos a cada um dos livros uma forma específica, contando a história de uma dinastia cujas origens fizemos remontar a Wolfgang Magister. Concluímos arbitrariamente com Alberto Auctor e não com suas filhas. Procuramos não apenas fazer o reconto das relações entre as pessoas no seu próprio tempo e espaço, mas também das relações entre os descendentes e

ancestrais de uma dinastia específica. Nessa dinastia específica, observamos uma espécie de recorrente teimosia familiar. Não queria apenas tenta compreender o flagelo da ignorância incutida e cultivada, mas também tentar a rompê-la.

Caímos no fosso que aqueles que escrevem e reescrevem muitas vezes cavam para si mesmos. Como o Pequeno Guia foi útil para nós, considerámo-lo útil para o planeta.
A tentação de fazer de Guia e Esclarecer os outros sobre a História era grande… uma atitude tão antiga quanto a humanidade… pela qual fazemos um *mea culpa* colectivo.
Mas um livro adicional, portanto.
Para evitar de dar uma nova numeração, demos a este o número 00. Não é muito original mas não tem licença para matar, ao contrário do que poderiam pensar os fãs de filmes de espionagem do século XX d.Chr.. Aqueles que planeiam reservar um tempo para ler a saga Magister-Auctor podem escolher ler primeiro o guia, só consultá-lo ou fechá-lo já.
Aconselhamos a quem tiver dúvidas de começar pelo guia. Pode ser um incentivo para deixar a saga de lado e usar o tempo livre para ler outra coisa.

A saga Magister-Auctor conta a história de vida de educadores, professores, mestres, pedagogos e pensadores em três épocas. Quando o termo entrou em uso, eles apelidam-se de *antropogogos.* O que os membros da dinastia têm em comum nas três eras é por um lado o foco na Ciência e no Conhecimento e por outro a maneira como quem estava no poder usava, abusava ou simplesmente ignorava Conhecimento e Ciência.

Em cada geração, os membros da dinastia Magister-Auctor examinam obstinadamente a maneira como muitos governantes são tão rápidos em ocultar informações e conhecimento àqueles que querem governar. A dinastia e portanto bastante representativa para a extensa escola de críticos do Uso do Poder.

A história pré-Refundição mostra-nos repetidamente o mesmo fenómeno: aqueles que desejam exercer poder facilmente desejam controlar todos os outros.
No que contamos aqui mostramos como aqueles que estão no poder frequentemente só apresentam a ciência que lhes é útil.
Da forma arrogante frequentemente tentam silenciar aqueles que disseminam ciência e conhecimento. Fazem-no porque veem o Saber e estar informado dele como uma ameaça à sua posição e ao seu domínio sobre os outros.

A história dos antepassados de Alberto Auctor também é uma publicação sobre a relação entre arrogância e ignorância, abrangendo quase 600 anos. Às vezes temos apenas fragmentos de texto. Mas uma leitura e interpretação cuidadosa de tudo o que temos permitiu-nos construir uma história biográfica em parte ficcional. Foi assim que a *Saga Magister-Auctor* ganhou vida.
As irmãs Demeester demonstraram claramente o custo de manter segmentos da população na ignorância. A ignorância gera grupos de pessoas crédulas podendo-se tornar agressivas e até arrogantes. Elas chamam isso de arrogância induzida pela ignorância.
A análise ignarométrica das irmãs Demeester também ilumina outra face da arrogância humana, a saber, a daqueles que

anseiam por poder mantendo os outros ignorantes. Trata-se da ignorância induzida pela arrogância.

Agora escrevemos 122.25, quase cem anos após a Refundição, e a maneira como interagimos uns com os outros é bem diferente da época das irmãs Demeester, cerca de cem anos antes da Refundição. Falamos de *Convivialis Civitas* (derivado da *Convivial Society* de Illich em *Ferramentas para uma sociedade convivêncial*), mas estamos cientes que podem existir algumas ameaças a maneira como construímos nossa sociedade atual.

Quando a Biblioteca Central de Bibliopolis assumiu a sua forma atual, Alberto Auctor juntou o que sobreviveu de património público e privado para nos contar a evolução da análise ignarométrica e da antropogogia institucional.
A análise ignarométrica enquadra-se numa interpretação fenomenológica da sociedade humana durante os últimos hectanos.
A antropogogia institucional é uma extensão da pedagogia institucional praticada escassamente na Zona 2 na segunda metade do *Século XX d.Chr.* e a primeira metade do século seguinte.
Em parte devido ao trabalho de pesquisa do grupo de estudos do qual Alberto foi membro durante muito tempo descobrimos como os seus antepassados desenvolveram gradualmente a matriz ignarométrica mais commumente usada nas ciências humanas hoje. É claro, estamos falando da conhecida matriz *Demeester-Lehrman-Auctor* (ver *a informação separada* que explica o conceito e a evolução da matriz ignarométrica).

Desde o início, optamos por uma abordagem cronológica para as histórias. Alberto e a família contemporânea são, portanto, apresentados principalmente nos dois últimos livros. O meu parceiro faleceu há três anos depois da primeira versão publicado desse livro pelo o consideramos epílogo da saga.
Logo no início do nosso projeto biográfico sugerimos a Alberto que escrevesse uma espécie de prólogo. Ele entusiasmou-se de imediato sem nunca o dizer, como de costume. No prólogo, ele considera ter tentado sistematizar a estrutura narrativa da saga.
Trata-se de um diário editado. Alberto relata um ano da sua vida que considerou particularmente feliz. Ele não escolheu o ano por acaso. No ano de 122.08 HE tornou-se avô. Naquele ano, o plano de escrita da saga foi finalizado. E no mesmo ano o espaço apresentando a história da ignarometria tornou-se pública. Tudo o que foi recuperado e utilizado para escrever a saga está disponível numa seção dedicada à antropogogia na Biblioteca Central de Bibliopolis.

Alberto deu ao prólogo o título simbólico *Imprimatur*. Ele disse que queria evocar assim o lado obscuro da história da cultura humana. Ao longo dos tempos a publicação do conhecimento e da ciência muitas vezes dependeu diretamente de como aqueles no poder a viam. A possibilidade de falar sobre o que se Sabia muitas vezes dependeu da permissão daqueles que não necessariamente sabiam do que estavam a falar. Para Alberto, o uso original da autorização *Imprimatur* é a expressão máxima da arrogância ignorante e da ignorância arrogante.

Alberto sempre enfatizou como era ridículo de insistir em impor

uma visão particular sobre a natureza das coisas. Ele mostrou-nos a natureza ilusória do desejo de forçar as pessoas a um pensamento e a ação ambos homogeneizados, em harmonia com as posições daqueles que assumiram o poder de determinar o que é lícito pensar.
Eu acrescentaria que conseguimos visualizar constantemente como a arrogância ridícula de alguns significou o sofrimento de muitos, ao longo de quase toda a história da aventura humana.
Talvez seja melhor saltar logo daqui para o *Imprimatur* para aproveitar o que Alberto nos deixou.

Mais adiante neste pequeno guia daremos uma breve sinopse de cada um dos livros da *Saga*. Para o período anterior a *Paraíso dos Livros* escrevemos por norma as datas de acordo com o calendário gregoriano cristão que era de uso comum até a Refundição. O ano 121.01 HE, ano de nascimento de Emmy Lehrman, e por razões simbólicos mencionado no calendário holoceno e corresponde a *2101 d.Chr.*

Os livros SMA 02 até SMA 06 falam sobre a primeira dinastia. Ela situa-se entre *1630 d.Chr.* em *1905 d.Chr.*. A história começa quando Wolfgang Magister se inicia na arte de conduzir e ser conduzido para o Conhecimento e à Ciência. Ele é influenciado por pensadores como Comenius e o seu amigo Claudius Cardinalis. A primeira dinastia termina com a morte de Johanna Lemaître. Ela foi, em certo sentido, a precursora da análise ignarométrica.

Os livros SMA 07 a SMA 10 falam da segunda dinastia da família Magister-Auctor. Elas abrangem os séculos XX e XXI

d.Chr.. Conhecemos as irmãs Joana e Catherine Demeester através de uma biografia mais extensa. Elas continuam universalmente reconhecidas como as fundadoras da análise ignarométrica. A segunda dinastia termina com a morte de Joana. Interpretamos a palavra *dinastia* aqui como se referindo à linhagem de pensadores e trabalhadores pedagógicos e antropogógicos da família. Greta Campos, filha de Catherine Demeester, figura por essa razão como a primeira pessoa da terceira dinastia. Embora sejam amplamente referidos nos livros 11 e 12 ambos os filhos de Joana escolheram carreiras artísticas.

Os capítulos finais do Livro 10 e os Livros 11 a 13 contam a história da Terceira Dinastia. O Livro 13 divide-se em duas partes separados pelo ano 122.08 escolhido por Alberto no prólogo.

A família mudou-se para *Paraíso dos Livros* e fugiu durante o Inverno Vulcânico para a Base Lunar 2. Isso ocorreu pouco antes do colapso da economia mundial baseada em dinheiro, principalmente resultante do acúmulo de riqueza pelo pequeno grupo de potentados que se refugiaram em *Elysium*. O Livro 11 conta a sua história. Por razões práticas e para facilitar a leitura, deixamos de usar calendário gregoriano a partir daí. Lembramos que o século XXII se refere ao período de 2101 a 2200 d.Chr. Corresponde e*m termos gerais* ao nosso centésimo vigésimo primeiro hectano que abrange os anos 121.00 HE até 121.99 EH. Neste livro destacamos a discussão filosófica que derivamos das anotações das famílias Lehrman, Auctor, Lector e Liber sobre datas e calendários.

Alguns dos argumentos utilizados foram decisivos para o *Comité de Ética* levar isso ao Conselho Polipolis e sugerir a população mundial de adotar a *Notação Universal da Terra* ou NUT. Devemos referir imediatamente que a proposta para este calendário tem pouco a ver com a notação confusa dos séculos no calendário gregoriano. É que da perspectiva humanística e secular, o calendário gregoriano era tudo menos universal.
O design do Calendário Holoceno, de *Human Era* ou *HE* para formar a base da NUT foi de escolher um ponto zero que precede a invenção da anotação do tempo e de qualquer mito escrito sobre a origem do mundo e do homem.
O livro 12 é por grande parte dedicado à avó de Alberto, Emmy Lehrman. Ela desempenhou um papel importante em todos as *Convivialis Civitas*. Ela trabalhou no directo com muitas dessas comunidades para ajudar a consolidar o modelo social sem dinheiro no que hoje chamamos *A Rede*. A criatividade humana e o desejo de aprender guiaram-na. O trabalho de Emmy permitiu que ela atualizasse a estrutura de Demeester, levando em consideração uma interpretação anterior do seu avô Sergio Mestre.
Como referi servem as últimas páginas do livro 13 de epílogo. Incluímos algumas informações adicionais que as nossas duas filhas quiseram partilhar após a morte de Alberto, bem como a sua perspectiva sobre o modelo social em evolução.

Os dados históricos na nossa saga são baseados nas informações disponíveis em Bibliopolis para a década de 122.00-122.09 HE. Uma fonte fundamental foi a herança documental dos antepassados de Alberto. É claro que devemos

mencionar, antes de tudo, a biblioteca de Paulo Demeester, catalogada pela sua neta Greta Campos. Os documentos dos arquivos pessoais das irmãs Demeester complementam essa biblioteca. Devido à devastação causada pelos últimos queimadores de livros no final do século XXI (hectano 120), perdeu-se muito material de áudio e vídeo. Além disso, a desmagnetização em larga escala de armazéns destruiu bibliotecas digitais inteiras. Muitos dos suportes eletrónicos restantes degradaram-se ainda mais devido aos terremotos e ao Inverno Vulcânico depois de 121.39 HE. Nalguns casos, a ficção foi a única solução para dar à história dos eventos uma cronologia lógica. Em geral, mantivemos um estilo de escrita biográfica. Agradecemos a todos os interessados quaisquer contribuições que aumentem a precisão da descrição de determinados períodos para os quais há pouca informação organizada disponível atualmente. A revisão geral do trabalho é de minha responsabilidade pelo menos até 122.30 HE.
Os co-autores deram-me permissão para fazer as alterações necessárias.

E aqui está o pequeno guia para ler ou não ler. O autor do século XX d.Chr. Daniel Pennac, já o disse. Os direitos do leitor incluem o direito de saltar partes de uma obra e também o direito de não a ler.

Maria Liber,
Bibliopolis, Newnomehns 122.25

Tabelas de conversão

Correspondência dos calendários pré-Refundição com a NUT

Tabela de correspondência aproximada entre os calendários conhecidos pré-Refundição e o Calendário Holoceno (*Human Era ou HE*), base para *Notação Universal da Terra* NUT.

Contagem do ano de acordo com…	Primeiro ano	Primeiro hectano
Cálculo de Diocleciano	102.84	hectano 102
era budista	94.58	hectano 94
era chinesa	73.04	hectano 73
era cristã	100.01	hectano 100
Era fascista italiana	119.22	hectano 119
Calendário franco-republicano	117.92	hectano 117
Era Humana (Convencional)	0	hectano 0
era islâmica	106.22	hectano 106
Era japonesa (última conhecida)	120.19	hectano 120
era judaica	62.40	hectano 62
Ele era romano	92.48	hectano 92
Era selêucida	96.89	hectano 96
era espanhola	99.63	hectano 99
Era tailandesa	94.58	hectano 94
Maçônico	60.01	hectano 60

Observação: Para simplificar a leitura dos hectanos, a NUT sugere o ponto separando os dígitos do hectano dos dois últimos dígitos, que identificam o respectivo ano daquele hectano.

Tabela de correspondência meses antes e depois da Refundição

Equivalência entre os meses da Notação Terrestre Universal NUT e os do calendário gregoriano.

Nome	# dias	Nome curto	C. Gregoriano
Phromehns	30	1-mehns	abril
Dwiterómehns	31	2-mehns	com
Tritiomehns	30	3-mehns	Junho
Ketwromehns	31	4-mehns	Julho
Penktomehns	31	5-mehns	augusto
Swekstomehns	30	6-mehns	setembro
Sedmomehns	31	7-mehns	outubro
Ektowomehns	30	8 mehns	novembro
Novos nomes	31	9-mehns	dezembro
Decmomechan	31	10 mehns	Janeiro
Fridecmomenos	28*	11-mehns	Fevereiro
Dwiterodecmomehns	31	12 mehns	Marchar

*29 em anos bissextos.

Observação: O 1º Phromehns da NUT corresponde aproximadamente a um dos trânsitos equinócios do Sol. Para facilitar as conversões, no momento da mudança para o calendário da *Era Humana* e seu ajuste universal, a relação direta com os meses do calendário gregoriano foi mantida. Só se removeu a lógica do Hemisfério Norte, onde o primeiro dia do ano corresponde ao início do alongamento dos dias naquele hemisfério. O Conselho Polipolis ainda está a trabalhar numa proposta para adiantar uma só vez de uma dezena de dias o primeiro dia de Phromehns para que o primeiro dia do ano corresponda melhor ao momento em que o Sol está perpendicular ao equador. Se a proposta for aceita, o ajuste ocorrerá ao mesmo tempo em que um ajuste já adotado está previsto para o período entre os anos tropical e civil.

Até 118.20 HE não havia nenhum sistema métrico generalizado na Zona 2, onde vivia a dinastia Magister-Auctor. Houve uma breve experiência com um sistema decimal geral durante a ocupação francesa, entre 117.95 HE e 118.15 HE. Vale lembrar que o sistema métrico decimal para distâncias, volumes e pesos foi universalmente adotado na convenção da Terra de 121.45 HE.

Nome da antiga medida de terra	**Aproximadamente (decimal)**
milha americana (EUA)	1,6 km (milha inglesa + 3 mm)
Milha de Amsterdão de 20.000 pés	5,66 km
milha belga	5 km
milha dinamarquesa	7,5 km
milha inglesa	1,6 km
milha náutica francesa	5,55 km
Milha geográfica de Snellius	7,15 km
milha holandesa	1 hora de caminhada (cerca de 5 km)
Milha norueguesa - sueca	10 km
milha austríaca	7,58 km
milha prussiana	7,53 km
Milha do Reno de 20.000 pés	6,28 km
milha espanhola	5,55 km

Observação: Os valores exatos podem ser consultados no arquivo central de Bibliopolis. A milha americana foi usada em vários estados federais na parte norte da Zona 3, conhecida como Estados Unidos da América (EUA ou US).

Nomes de lugares antes da Refundição

Continentes

Listamos aqui os nomes dos continentes como eram conhecidos no período da dinastia Magister-Auctor, que antecede a Refundição. Os nomes alternativos, na segunda coluna, são aqueles que, segundo o Conselho Polipolis, contam com o consenso das diferentes comunidades para quem não gostam dos nomes oficial neutro *Zona 1, 2* e assim por diante.

Devido às alterações climáticas e ao inverno vulcânico de 12.139 - 121.44 HE, partes significativas da Zona 2, Zona 3 Norte, Zona 4 Sul e Zona 5 não são hoje possível habitar de forma permanente.

Zona	Nome alternativo	Nome pré-Refundição
Zona 1	Alkebu-lan (Alkebulan)	África
Zona 2	- - - - -	Eurásia
Zona 2 Leste	Waçúm	Ásia
Zona 2 Oeste	Érebo	Europa
Zona 3	Abya Yala	América
Zona 3 Norte	Vineland	América do Norte
Zona 3 Sul	Anáhuac	Ámérica do Sul
Zona 4	Okeanos	Austrália / Oceania
Zona 5	- - - - -	Antártica

Cidades e Polis

Deixamos aqui as coordenadas a partir da *Ilha Nula* das cidades e megapoleis referidas nos diferentes volumes. O ponto

fornecido corresponde ao centro presumido de cada cidade listada.

Para entender melhor a saga, é importante saber que, antes da Refundição, existia um território mais amplo ao redor das cidades que podia ter nomes diferentes. Esse território era geralmente chamado de País, Reino, Império, Estado (ver a seguir). Para a localização no globo e outros detalhes, consulte as informações toponímicas separadas.

Cidade (Polis)	**Localização relativa à Ilha Nula**
Amsterdão	52° 22' 12.778" N 04° 53' 42.605" E
Brugge	51° 12' 33.653" N 03° 13' 28.920” E
Brussel	50° 51' 01.223" N 04° 21' 06.157" E
Dendermonde	51° 01' 31.717" N 04° 06' 07.027" E
Frankfurt	50° 06' 36.274" N 08° 41' 16.325" E
Gent	51° 03' 15.631" N 03° 43' 02.726" E
Kelmes	50° 43' 04.040” N 06° 00' 38.138” E
Köln	50° 56' 15.112" N 06° 57' 37.003" E
La Flèche	41° 51' 46.861" N 00° 04' 31.910" E
Leuven	50° 52' 59.999" N 04° 42' 00.000” E
Liège	50° 37' 57.205" N 05° 34' 46.798" E
Lier	51° 07' 48.770" N 04° 34' 17.433" E
Lille	50° 37' 45.300" N 03° 03' 26.122" E
Lisboa	38° 43' 20.107" N 09° 08' 21.613" O
Londres	51° 30' 26.463" N 00° 07' 39.930" O
Malaga	36° 43' 16.540" N 04° 25' 16.556" O
Megabelgium	50° 38′28.000″N 04° 40′05.000″E

Megalissipo	38° 45’ 39.600” N 09° 02’ 30.100” O
Megaludein	51° 34’ 34.200” N 00° 16’ 16.800” E
Megaparisios	48° 45’ 38.200” N 01° 21’ 57.500” E
Megapple	41° 42’ 38.200” N 72° 09’ 58.200” O
Oostende	51° 12' 55.548" N 02° 55' 43.162" E
Orange	44° 08' 21.120" N 04° 48' 28.480” E
Paris	48° 51' 23.810" N 02° 21' 07.999" E
Sluis	51° 18' 31.161" N 03° 23' 16.510” E
Tienen	50° 48' 38.052" N 04° 56' 10.392" E
Última Rosa na Área Deserta	*06° 38’ 13.000” S 79° 23’ 38.000” O ?*
Paraíso dos Livros	*02° 22' 50.800" S 31° 29' 15.100" E ?*
Pérola Brilhante	*01° 00' 55,570" S 109° 72' 41,65" E ?*

Países, Reinos e Estados

A organização de zonas habitáveis em países, reinos, impérios e estados com os seus próprios nomes e fronteiras fixas tornou-se uma prática comum ao longo da história humana para aqueles que acumulavam poder. Dentro dessas fronteiras, os líderes buscavam estabelecer (e frequentemente expandir) a sua influência. A partir do hectano 70 a Zona 2 passou a apresentar cada vez mais nomes de impérios e países, determinados por aqueles que ascenderam a uma casta auto-proclamada de guerreiros posteriormente de nobres. Na história recente antes da Refundição esses impérios foram não raras vezes renomeados e pouco à pouco mais governados por uma nova casta de governantes emergindo da burguesia e do mundo financeiro.

Até o momento, o Conselho Polipolis não recebeu nenhum pedido de nenhuma comunidade existente para introduzir novamente tais nomes. É geralmente aceito que a referência à Polis de origem é suficiente para situar alguém ou algo, se necessário. Dado o conceito geral de que todos os seres humanos na Terra pertencem à mesma espécie biológica, considera-se completamente inútil usar o nome de uma área definida artificialmente para identificar alguém.

Aqui mencionamos países, reinos e estados que aparecem na Saga. Os mapas que encontrámos podem ser consultados no *Espaço Joana e Catherine Demeester (EJCD)* da Biblioteca Central.

Podemos imaginar como era estranho e desestabilizador para muitas pessoas de viver num lugar que de repente mudava de nome. Havia uma política de fronteiras simplesmente resultante da necessidade de poder da classe dominante de nobres e da burguesia ou por causa de definições geopolíticas baseadas em relações de poder expressas em posse monetária e arsenal bélico.

Mencionado na Primeira Dinastia (116.30 a 119.05):

Intervalo de tempo (Gr)	local (cidade)	Nome Território
1640-1654	Frankfurt	Sacro Império Romano
1654-1670	Amsterdão	Belgium Fœderatum
1671-1699	Frankfurt	Sacro Império Romano
1690-1706	Colônia	Sacro Império Romano
1707-1712	Gent	Belgium Regia
1713-1722	Gent	Belgium Austriacum
1723-1749	Oostende	Belgium Austriacum
1730-1732	Köln	Sacro Império Romano

1730-1733	Paris	Reino Francês Luís XV
1733-1784	Lille	Reino Francês Luís XV
1735-1736	La flèche	Reino Francês Luís XV
1765-1788	Oostende	Belgium Austriacum
1774-1781	Leuven	Belgium Austriacum
1782-1793	Brugge	Belgium Austriacum
1789-1792	Sluis	Belgium Fœderatum
1794-1810	Brugge	1.República Francesa
1803-1804	Oostende	1.República Francesa
1804-1805	Oostende	1.Império Francês
1810-1814	Brugge	1.Império Francês
1814-1814	Brugge	Governos Gerais
1815-1822	Brugge	Reino Unido dos Países Baixos
1816-1821	Brussel	Reino Unido dos Países Baixos
1823-1830	Oostende	Reino Unido dos Países Baixos
1831-1835	Oostende	Reino da Bélgica
1836-1848	Brussel	Reino da Bélgica
1849-1905	Kelmis	Estado Livre de Moresnet
1878-1882	Liège	Reino da Bélgica
1883-1905	Oostende	Reino da Bélgica
1903-1903	Tienen	Reino da Bélgica

Mencionado na Segunda Dinastia (119.05 – 120.82):

Intervalo de tempo (Gr)	local (cidade)	Nome Território
1905-1913	Oostende	Reino da Bélgica
1905-1914	Kelmis	Estado Livre de Moresnet
1912-1913	Liège	Reino da Bélgica
1914-1918	Costa Belga	Reino da Bélgica
1914-1918	Sluis	Reino dos Países Baixos

1914-1933	Tienen	Reino da Bélgica
1919-1923	Dendermonde	Reino da Bélgica
1920-1922	Lier	Reino da Bélgica
1924-1946	Costa Belga	Reino da Bélgica
1950-1975	Oostende	Reino da Bélgica
1970-1971	Paris	V República Francesa
1976-1977	Gent	Reino da Bélgica
1979-1980	Leuven	Reino da Bélgica
1981-1982	Amsterdam	Reino dos Países Baixos
1982-1983	Orange	V República Francesa
1983-1984	Malaga	Espanha
1985-2015	Oostende	Reino da Bélgica
1985-2045	Lisboa	Portugal
2016-2025	London	Reino Unido da Grã-Bretanha
2025-2067	London	Reino da Inglaterra e País de Gales
2045-2067	Lisboa	Federação Europeia - Ibéria
2068-2082	Megalissipo	Federação Europeia - Ibéria
2068-2082	Megaludein	Federação Anglo-Saxônica

Mencionado na Terceira Dinastia pré-Refundição (120.82 - 121.39):

Intervalo de tempo (HE)	**local (cidade)**	**Nome Território**
12082-12090	Megabelgium	Federação Europeia - Norte
12082-12090	Megaludein	Federação Anglo-Saxônica
12082-12090	Megaparisios	Federação Eurocentre
12082-12094	Megalissipo	Federação Europeia - Ibéria
12091-12139	Paraíso dos livros	*Não se sabe exatamente*
12095-12098	Megapple	Federação Anglo-Saxônica
Não se sabe exatamente	Última Rosa	*Não se sabe exatamente*
Não se sabe exatamente	Bela Pérola	*Não se sabe exatamente*

Curtas notas sobre os autores

Alberto Auctor

Livro 1, comentário livro 8

Alberto descende da dinastia Magister-Auctor. Nasceu pouco antes de *Elysium* ser desmantelado. Pelo pai conhece a história da reintegração parcial da população de *Elysium* nas Terráqueas *Convivialis Civitas-Civitates*.

Alberto escolheu estudar a dinastia Magister-Auctor em resultado do seu trabalho de arquivo dos documentos encontrados nas Megapoleis soterradas pela atividade vulcânica de 121.39 HE.

Pessoalmente interessava-se principalmente pela pesquisa sociológica. Os seus interlocutores lembram-no como um verdadeiro *onderwijzer*, professor orientador no antigo sentido da palavra, atento a modelos de aprendizagem dialógica.

Babitha Chakma

Livros 2, 5 e 7

Babitha é historiadora. Ela escolheu a relação entre opressor e oprimido como campo de estudo. Estão disponíveis muitos artigos de Babitha sobre o uso do poder nos principais movimentos religiosos (pré-Refundição).

Babitha também estudou a influência da arrogância dos governantes dos hectanos 117 e 118 da *Zona 2 Oeste* sobre o sofrimento da população local e da população das zonas colonizadas. A partir dos hectanos 119 e 120, ela analisou os governantes dominando a *zona 3 Norte,* recorrendo à matriz ignarométrica.

Antes da Refundição, os antepassados de Babitha viviam na

Zona 2 Leste numa região outrora conhecida como Reino de Vanga. A sua família trouxe consigo os documentos históricos que formaram a base sobre a qual se basearam os principais grandes dogmas pré-Refundição.

Binh Pham

Livros 4 e 7

Binh Pham escolheu o estudo da comunicação e da desinformação sob uma perspectiva histórica como tema de pesquisa. Publicou artigos em periódicos especializados abordando a relação entre a desinformação disseminada por aqueles no poder e os movimentos de tropas que causaram guerras. A sua família preservou relatos na primeira pessoa de um episódio dramático do período da Segunda Dinastia. Nas décadas de 1960 e 1970 d.Chr., os governantes da *Zona 3 Norte* foram responsáveis por um conflito sangrento em que grande parte da população da *Zona 2 Leste* estavam envolvidos num país então chamado Vietnam. Para Binh Pham, o estudo do período no livro *Tempos de Chumbo* foi importante para entender o conflito subsequente na área de onde provém a família.

O pai de Binh Pham era um velho amigo de Lev Auctor, desde o tempo passado na base lunar, entre finais de 121.39 HE e meados de 121.45 HE.

Catarina Auctor

Livros 12 e 13

Catherine é analista e documentalista e trabalha na Biblioteca Central de Bibliopolis.

Ela interessa-se pela história contemporânea pós-Refundição e também participa nos contatos com os descendentes de *Elysium* que não quiseram regressar à Terra depois do desmantelamento da cidade espacial.

Delun Huáng

Livros 2 e 3

Delun descende de uma das mais antigas famílias intelectuais marítimas originárias da *Zona 2 Leste* que foi um importante berço da cultura e filosofia pré-Refundição. A sua família estabeleceu-se inicialmente em Arqueopolis, e juntou-se a Delun em Bibliopolis em 122.10 HE.

Os interesses de Delun abrangem a história da palavra impressa e a interação baseada em diálogos. Delun e Babitha entraram em contato com a família Auctor independentemente um da outra. Tiveram campos de interesses em conjunto.

Delun reuniu as informações sobre Claudius Cardinalis e outros críticos a respeito do poder em questões religiosas. O Delun publicou também com Umut Aydin.

Idrissa Zoungrana

Livro 9

Idrissa vem de uma família que sempre viveu na *Zona 1* num Estado pré-Refundição então com o nome de Burkina Faso. A sua própria família nómada foi a primeira a receber *Livros Vagantes* no que mais tarde é conhecido como *Paraíso dos Livros*.

A área de interesse de Idrissa é a sociologia. Ela estudou detalhadamente a evolução da análise ignarométrica. Foi também por isso que se interessou pelas irmãs Demeester. Ela

escreveu a biografia delas com base nos documentos que sobreviveram ao Inverno Vulcânico.

Pablo Márquez

Livro 10

Pablo pesquisa o fenómeno dos *Novos Ignorantes* referindo o termo à ignorância generalizada que surgiu desde o início da implementação do modelo de instrução a distância. Pablo vem de uma família académica originária de um país em *Zona 3 Sul*, anteriormente conhecida como Chile. A sua família fugiu para a Convivialis Civitas *Última Rosa* nas montanhas daquele continente, conhecido como um dos Três Lugares.

Familiares de Pablo Márquez trabalharam com Emmy Lehrman e Malcolm Auctor durante os contatos iniciais com os Ignorantes em vários locais do planeta. Pablo estabeleceu-se algum tempo em Bibliopolis para trabalhar com a sua equipa no desenvolvimento de estratégias de informação em cooperação com os Ignorantes.

Lev Auctor

Livro 11

Lev escolheu a profissão de arquivista e bibliotecário depois de trabalhar em serviço comunitário voluntário como embaixador.

Lev nasceu em *Paraíso dos Livros* na época em que as pessoas tomaram consciência de que os Ignorantes e os Vagantes teriam que trabalhar juntos para evitar serem escravizados novamente pelos amantes do poder e do dinheiro.

Liberty Autor-Liber

Livros 12 e 13

Liberty escolheu etologia e inteligência eletrónica (I.E.) como campos de trabalho. Escreveu com Zainabu Cheboi uma série de artigos sobre a influência do pensamento não pluralista nos códigos de conduta após de se ter voluntariado num comité comunitário. Lá, conheceu a socióloga e rapidamente tornaram-se amigas próximos.

Hoje ela trabalha com arqueólogos da informática por causa do seu interesse em comunicação, etologia e I.E.

Maria Liber

Livros 11 e 13

Maria interessa-se pela origem e o desenvolvimento das línguas e tem um sólida formação em etimologia.

Em *Imprimatur* Maria completa com algum humor as histórias de Alberto sobre a família com base nas suas informações.

Moana Southpath

Livro 8

Moana interessa-se por todos os fenómenos resultantes da relação entre conhecimento e poder. Na Biblioteca Central de Bibliopolis organizou arquivos relacionados a movimentos de libertação e pensadores que analisaram os perigos do modelo social insustentável conhecido como *Capitalismo Ocidental*.

Moana desenvolveu a sua própria linha de pensamento sobre o assunto, que se resume à ideia de que o desenvolvimento baseado no conhecimento e na livre iniciativa se torna

sustentável quando se retira o dinheiro e o seu impacto negativo sobre uma casta específica de pessoas sedentas de poder. Moana descende de uma família de ilhéus que nas vésperas da Refundição viviam em *Zona 4* nas então chamadas Ilhas da Polinésia.

Sayen Quispe

Livros 6 e 7

O interesse de Sayen centre-se na aprendizagem dialógica e na orientação do processo de aprendizagem de crianças pequenas. Os seus textos nos quais ela analisa o pensamento de educadores e académicos desde o hectano 116 até o presente estão disponíveis em vários sítios. Sayen também pesquisou o legado de Demeester para os hectanos 118 e 119, particularmente em relação à educação de filhos de pais ricos e esclarecidos. A educação na forma de escolaridade obrigatória era então um assunto comercial para muitas pessoas com dinheiro. O preço era determinado pela demanda por modelos específicos. Sayen examina a reciprocidade entre a influência desses modelos e o modelo social geral prevalecente de uma época.

Sayen vem de uma família de pesquisadores da *Zona 3 Norte*. Antes do Inverno Vulcânico, a sua família conheceu a família de Pablo Márquez. Sayen e Pablo conheceram-se só mais tarde quando se juntaram ao grupo de escrita sobre os Magister-Auctor.

Umut Aydin

Livros 3 e 4

Umut interessava-se pela mitologia e pela influência que as figuras de poder relacionadas ao dogma exercem na mente

humana desde a época da construção de *Göbekli Tepe* o que provavelmente ocorreu durante o quinto hectano. A sua família era originária daquela região e mudou-se para *Paraíso dos Livros* no hectano 121. Ela publicou com Delun Huáng sobre dogma e o uso do poder. A sua pesquisa recorre à análise ignarométrica.

Zainabu Cheboi

Livros 5, 6 e 7

Zainabu descende de uma das famílias que co-organizaram *Paraíso dos Livros* para acolher migrantes de vários lugares na Zona 1 e Zona 2.

Ela ficou impressionada com o modo como quem exercia poder numa sociedade hierárquica usavam frequentemente o pensamento xenófobos e fascistas em combinação com formas de comunicação humana e não humana como um instrumento de pressão para manter grupos locais sob controle.

Ela conheceu Liberty Auctor-Liber quando ambos viajaram para uma missão voluntária dum comité comunitário com o objetivo de analisar o perigo do surgimento de algumas formas de pensamento não pluralistas em pequenas comunidades relativamente isoladas da Terra. A amizade que resultou desse contato inicial levou-a a participar no projeto de escrita acerca da dinastia Magister-Auctor.

Anexos separados

Este pequeno guia para os distraídos foi compilado para facilitar a tarefa dos autores (e possivelmente dos leitores).

Os autores também compilaram informações em quatro apêndices separados:

- A estrutura ignarométrica: Origem e evolução
- Linha do tempo de personagens e eventos
- Informações genealógicas sobre a dinastia
- Toponímia relacionada à dinastia em duas partes

Todos esses documentos estão gratuitamente disponíveis na Biblioteca Central de Bibliopolis, no *Espaço Joana e Catherine Demeester (EJCD)*. Uma cópia da estrutura ignarométrica está disponível no arquivo aberto do EJCD.

Se começou a ler este pequeno guia antes de pegar nos livros, pode haver quem não quer saber da história contada em cada livro de antemão.

Para aqueles, o

é aqui.

De Magister ao Auctor: resistir à ignorância imposta

A saga Magister-Auctor descreve 20 gerações e remonta ao hectano 116. Uma informação podemos dar: com exceção de alguns protagonistas do décimo segundo e décimo terceiro livros, todos estão mortos há muito tempo.

Os mais distraídos que facilmente se perdem, podem seguir como entenderem toda a história com as informações aqui.

A Saga Magister-Auctor dá um curto sinopse de cada livro. Pode haver pequenas diferenças entre a sinopse fornecida abaixo e as versões atuais de cada volume. Informações mais recentes sobre certos membros da dinastia às vezes levaram à reescrita de certos eventos.

Notas sobre as capas de livros incluem os comentários de quem fez as capas no século XXI d.Chr. e que nos chegaram (ver em livro 13 como). É um curto resumo dito por quem leu à distância.

De Magister a Auctor: as dinastias situa cada antepassado. Mais informação sobre as personagens no livro 14 Índice de nomes e fontes.

Boas leituras.

A Saga Magister-Auctor

01 - Prólogo: Imprimatur

O ano é 122.08.

Os *Convivialis Civitas* sem dinheiro são universais no planeta Terra desde 121.54 HE. A população do planeta estabilizou-se em pouco mais de três bilhões de indivíduos. Cada pessoa que vive no nosso planeta escolhe por si o que fazer com base nos seus desejos, nas suas vontades, no seus talentos. O trabalho rotineiro foi automatizado com uma estrutura logística de suporte. Consideramos natural usar uma forma de serviço comunitário rotativo, se necessário, após discussão em grupos organizados localmente e quando temporariamente não há pessoas suficientes para desempenhar uma função específica.
A vida é bela e sem desordem.

Alberto Auctor acredita que chegamos até aqui, em parte graças à antropogogia institucional. Alberto nasceu e cresceu em Bibliopolis, lar de uma das maiores bibliotecas históricas do planeta. Em 122.08 HE uma nova sala foi inaugurada na seção de antropologia: o ***Espaço Joana e Catherine Demeester.*** As irmãs são consideradas as fundadoras da análise ignarométrica. Abriga os restos de uma biblioteca descoberta no antigo Megalissipo na década de 121.90 HE. O espaço contém tudo para interessados ou que desejam realizar pesquisas sobre antropogogia institucional e análise ignarométrica.

Em 122.08 Alberto Auctor tinha 55 anos. Até sua morte foi curador do *Espaço J&C Demeester*, o *EJCD*. Com a ajuda de

muitos amigos conseguiu traçar a árvore genealógica até o hectano de 116. Alberto é da linhagem Auctor e descendente dos Magisters. Ele também é descendente direto de Catherine Demeester.
Toda a dinastia Magister-Auctor é composta por indivíduos que compartilham pensamentos e pesquisas comuns relacionados à aprendizagem, ao ensino, à escolarização e ao exercício do poder. Alberto apresenta uma retrospectiva e discute a primeira pessoa da dinastia sobre a qual há informações. Ele também explica a lógica dos nomes.
Na exposição permanente do *EJCD* encontramos documentos que testemunham a evolução do modelo de análise das irmãs Demeester. Esta exposição inclui a atualização mais recente de Emmy Lehrman e do próprio Alberto para criar o modelo atual que ajuda a explicar *Convivialis Civitas* na Terra de hoje.

Com o seu estilo próprio, Alberto conta um ano da sua vida que também é um ano especial para a história da família.
Acompanhamos assim as aventuras de Maria e Alberto das filhas Liberty e Catherine, do sobrinho Wolfgang, astronauta e piloto de nave espacial e do seus amigos. E conhecemos melhor os autores da saga Magister-Auctor.

Com o título *Imprimatur* Alberto quer apontar a intolerância ao longo dos tempos e a forma como a ignorância e o preconceito atacaram regularmente o pensamento e destruíram a cultura. Alberto evoca alguns hectanos em que quase tudo podia levar à violência: o uso de uma língua, a posse de bens, a experiência de um mito ou dogma, o desenho de linhas

imaginárias numa representação em papel do globo. Ele fala-nos da então *Federação Ibérica Europeia*. Claro que também menciona a descoberta da biblioteca quase intacta de Paulo Demeester organizada por sua neta Greta.

Alberto, a sua família e os seus amigos discutem a vida após a Refundição bem como episódios anteriores a ela. Eles pintam um quadro de algo ainda considerado impossível no início do 120º hectano. A sociedade, baseada numa economia de troca comercial e consumo, entrou em colapso total. Eles discutem as ações humanas que levaram a isso. Examinam o papel do projeto *Elysium* que foi uma espécie de ápice da megalomania da riqueza acumulada. Analisa-se também o desenvolvimento da cultura da ignorância, que levou a uma falta generalizada de pensamento crítico entre dois terços da população mundial.

As histórias de Alberto nos fazem apreciar e refletir. Desde o primeiro "*Permitas que entro na tua casa?"* Até o último "*Renascido das cinzas*" passando por "*O charme discreto da margem da página*".

02 - Uma ideia Perigoso

Escrevemos *1690 d.Chr.*, cinco anos após o Edito de Fontainebleau em plena atmosfera de intriga entre as casas reais. Comemora-se o centenário do primeiro livro de Galileu. Nele, o estudioso distanciou-se das ideias de Aristóteles, causando inquietação entre os governantes da Igreja de Roma. O círculo de Wolfgang Magister discute outro livro recente do inglês filósofo da natureza Isaac Newton. Falam das suas ideias e das

suas muitas dúvidas sobre publicá-las, após tanta oposição.

Até o projecto *Elysium* causar o colapso económico e social, a história dos antepassados de Alberto é situada principalmente no continente que tinha o nome de Europa. Os *séculos XVII, XVIII e XIX d.Chr.* eram muito instáveis. Durante esse período, as pessoas eram frequentemente confrontadas com a vontade daqueles que arrogantemente tomavam o poder e os meios de produção associados, às vezes com projetos megalómanos visando a dominação mundial. Reis, mas também aristocratas e a burguesia de jovens repúblicas, esforçavam-se para explorar a Europa propriamente dita e grandes áreas de outros continentes. Os nomes África, América e Oceânia foram impostos. Um quinto continente, então habitado, a Ásia, tinha a sua própria história de imperadores em grandes partes do seu território, o que não impediu que governantes europeus ocupassem também ai algumas partes. Surgiram nomes de áreas que eram consideradas seus pelos ocupantes territoriais, nomes que podem ser desconhecidos para aqueles que conhecem pouco da história pré-Refundição. Os nomes Bélgica, Portugal, Sacro Império Romano ou Países Baixos denotam essas partes do mundo. Achamos caótico que algumas cidades que desempenham um papel na saga Magister-Auctor às vezes se tornem *possessões* de outros governantes no decorrer da mesma geração, sendo assim adicionadas a outro *país*. Qualquer pessoa que esteja a ler esta história sobre a dinastia aprenderá também um pouco mais sobre cidades como Amsterdam ou Oostende, e lugares ao longo do Vale do Reno (um rio no noroeste deste continente da Zona 2).

A família reúne-se para comemorar o sexagésimo aniversário de Wolfgang. Wolfgang conversa com seu filho Pieter… Ele fala duma preocupação recorrente sua: educar crianças em vilarejos menores. Ele relembra a sua estadia em *Belgium Fœderatum* pouco antes do nascimento de Pieter. Em Amsterdam, ele conheceu Jan Amos Comenius na *Casa das Cabeças* da família De Geer. Hildegarde e Wolfgang falam sobre aquele espaço de encontro de intelectuais em Amsterdam. Mais tarde, Wolfgang e Hildegarde foram viver em Frankfurt, *Sacro Império Romano*.
Já adulto, Pieter mudou-se para Köln. Casou-se com Henriette, pouco antes de John nascer. A reunião familiar também proporciona a John a oportunidade de conhecer melhor o avô.

O pensamento perigoso decorre do pensamento de Comenius. Wolfgang explica que a proposta ou exigência de Comenius de ensinar *absolutamente tudo* a *absolutamente todos* é difícil de aceitar tanto para a hierarquia religiosa quanto para a secular. Aqueles no poder, incluindo os da Reforma, não gostam da ideia. Isso fica claro se olhar para os livros de instrução para ensinar o alfabeto e alguma habilidade de leitura usados nas escolas das aldeias. Mesmo os livrinhos escolares que estavam por aí *1615 d.Chr.* e foram usados pela primeira vez em Groningen e mais tarde no resto do mundo esclarecido de *Belgium Fœderatum* limitam-se a ensinar a ler letras e textos edificantes.
Wolfgang trabalhou com crianças fora da cidade. Ele sempre tinha por perto um exemplar de *Orbis Pictus* que entregava às crianças. Hoje em dia, conversa com amigos e conhecidos sobre o ensino de ciências, da filosofia e da religião em linguagem

secular. Compara *Orbis Pictus* com *De Trap der Jeugd* (*A Escada da Juventude)*.
Wolfgang expressa a sua admiração pelos pintores flamengos. Explica que se interessou particularmente pelos temas não religiosos que pôde observar durante sua estadia em *Belgium Fœderatum*. Wolfgang faz uma avaliação crítica cautelosa do que a ciência e a religião dizem sobre as origens do mundo. Ele sente-se perturbado pelo que amigos lhe contam sobre as relações com as pessoas do Novo Mundo.

Tentamos traçar um panorama de quem era e quem não era alfabetizado, e por quê. Utilizamos informações retiradas das cartas trocadas entre Wolfgang, Pieter e o jovem John. Eles discutem os seus trabalhos como filósofos e professores, as suas atividades como educadores de crianças da nobreza e da classe média alta e a sua participação em iniciativas para pessoas comuns. A preocupação do seu pai leva Pieter a tentar entender quais oportunidades educacionais eficazes existem para crianças e jovens no mundo que ele conhece, bem como em partes do mundo que ele nunca visitou. Ele mantém uma correspondência animada com o pai e o seu velho amigo da família, Claudius Cardinalis, sobre o que lhe é contado. Henriette é a esposa de Pieter e seis anos mais velha que ele, dez anos mais nova que Claudius. Ela é membro de pleno direito do grupo de discussão com Claudius, o marido e o sogro. A bem informada Henriette exemplifica outro pensamento perigoso: a igualdade de tratamento entre homens e mulheres. Isso era no *século XVIII d.Chr.* um escândalo à luz dos deveres da mulher. Até Comenius deve ser lido na sua época: a instrução das meninas é necessária

porque somente mães informadas podem criar adequadamente os filhos a quem terão que entregar todos os seus cuidados.
Claudius Cardinalis não apenas analisa pensamentos perigosos, também os pratica. Ele é o segundo filho de uma família de baixa nobreza da região de Frankfurt. Uma vez bispo ele distancia-se rapidamente da Igreja. Ele tem dificuldades com as inconsistências entre a mensagem original dos primeiros cristãos e a dinâmica de poder que se estabeleceu na instituição. Partilha com Wolfgang uma discreta admiração por Comenius e concorda com o amigo que há uma enorme diferença entre as propostas de Comenius para a organização de escolas para pobres ou menos afortunados e a leitura de histórias edificantes.
Claudius conversa com os seus amigos sobre a oposição entre a Reforma e a Contra-reforma e o poder do Islão. Claudius estabelece uma clara conexão entre a arrogância das autoridades e o controle da escola e do ensino. Lembra que, durante a Contra-reforma, tutores eram frequentemente condenados.

Claudius, Pieter e Henriette não se limitam à educação das crianças no círculo familiar. Pieter compreende perfeitamente que os aldeões e os cidadãos pobres são vistos com desdém. Claudius aponta exceções. Entre si, tentam identificar fatores decisivos.
Pieter e o pai discutem a clara necessidade de ensino geral.
Claudius expressa a sua esperança em Inocêncio XII. Com a sua bula papal parece ter alcançado o que seus predecessores não conseguiram ou não quiseram fazer. Mas ele acredita que levará muito tempo até que a Igreja tenha no seu topo mais líderes que

não sejam arrogantes.
Em círculos íntimos, os amigos discutem os conflitos, as guerras em curso e as ameaças de guerra. Demonstram uns aos outros como o poder real e imperial é sinónimo de poder pessoal. Déspotas arrogantes firmam acordos que depois dissolvem com grande facilidade, muitas vezes com o único objetivo de enriquecimento pessoal. Enquanto isso, insinuam falsamente a uma população ignorante que as alianças que forjam e posteriormente levam a novos hostilidades servem valores morais mais elevados. Naturalmente, esses são os valores daqueles que estão principalmente interessados no conflito, e a moralidade muitas vezes falta.

Wolfgang morre em *1700 d.Chr.*. Após a morte de Wolfgang, Pieter e Henriette continuaram a viver em Köln e a corresponder com Claudius. Falam de Locke.
Entretanto o filho de Pieter e Henriette, John, conhece Mariana durante uma das suas viagens de orientação. Eles correspondem sobre cultura e política. Em *1715 d.Chr.* John e Mariana vivem em Gent em *Belgium Austriacum* com o filho Dieudonné.
Aos 49 anos, John interessa-se pelas atividades portuárias depois de influentes conhecidos de Gent lhe mostraram a sua importância. Um documento indica que John esteve envolvido financeiramente com a *Companhia de Oostende*. Mudam-se para Oostende, onde John conhece capitães que viajaram para as Índias Orientais. Dessa forma adquire algum conhecimento sobre as práticas, os pensamentos e as crenças de outros povos. O livro termina com a saída de Dieudonné para Paris.

O livro começa em *1733 d.Chr.*. Alguns anos antes, Dieudonné deixou John e Marianna e a cidade de Oostende para se tornar preceptor em Paris. Ele muda o nome para Lemaître pois é assim que os franceses pronunciam Lesmeester. Ele conhece Mathilde Larouge, filha da alta burguesia parisiense. Eles casam sem a aprovação da família de Mathilde.
Dieudonné e Mathilde mudam para a cidade de Lille. Ele tem 26 anos quando Jan nasce. O nome flamengo é pronunciado como o bretão *Yanne* por falantes de francês que não sabem neerlandês.

Dieudonné lê as reflexões do seu avô Pieter sobre Démia. Pieter não apenas critica as ideias de Démia de quem ouviu falar pela primeira vez na década de 1690 d.Chr.. Ele mostra o contraste entre trabalhar pela educação para todos com a prática de conceder certos privilégios a uma classe específica de pessoas. Ele suspeita da influência dos jesuítas. Dieudonné completa a crítica após interpretar a obra de Lasalle.
Dieudonné tem dificuldade em compreender a ideia de Deus quando se trata de ensino. Ele tem muitas reservas em como ordens e grupos religiosos se introduzem *Manu Militari* na escolarização. Ele pesquisa a Reforma e a Contra-reforma com o objetivo de procurar perceber a lógica de controle daqueles que detêm o poder em questões de fé. Uma visita a La Flèche, onde conhece Hume, pode ter influenciado o seu pensamento.

Os jesuítas são mencionados por outros motivos nas cartas de John e filho. O pai escreve sobre amigos jesuítas discutindo a colonização. Os comerciantes não apenas transportavam

matérias-primas mas também pessoas de áreas que eles chamam de Negrolândia, Barbaria, Guiné e Conga.
John tem 52 anos quando publica um esboço da sua primeira interpretação da relação que observou entre ignorância e arrogância. No mesmo ano, obtém um exemplar do livro de Manoel de Andrade Figueiredo e Marianna e John retomam esforços para reunir informações sobre a educação de pessoas dentro e fora da Europa.

Atritos políticos entre os governantes da França, Grã-Bretanha, Espanha e do Sacro Império Romano-Germânico levam a inúmeros conflitos armados. A família Lemaître perde quase todos os seus bens devido à alta carga tributária imposta pelo Rei da França para financiar as suas despesas militares.

Não temos muita informação acerca do Jan (Yanne) enquanto jovem, apenas que queria trabalhar como professor para o povo. Ele tem um filho com Madeleine Lacour, Jean-Jacques em *1760 d.Chr.*. Dada a situação económica na França, Jan e Madeleine aceitam o convite do tio de Jan e mudam-se para Oostende. A cidade volta a ser a base da dinastia. Yanne passa agora permanentemente a ser Jan enquanto a pequena família se estabelece na *Belgium Austriacum* em *1765 d.Chr.*.
A partir de então sabemos mais sobre Jan. Ele debruça-se sobre a biblioteca do avô. Fica chocado quando lê as observações que o forçam a questionar o humanismo europeu, especialmente no que diz respeito às relações com pessoas e nações fora da Europa.
Madeleine estabelece os seus próprios contatos e apresenta Begga de Bruges a Jan. Begga interessa-se pela emancipação das

mulheres ao longo da história. Ela esforça-se para pesquisar o papel das mulheres no mundo científico. Consegue fazê-lo porque é Beguina. Begga coloca em perspectiva as ações positivas da Reforma em relação ao ensino e relativa o bom da contra-reforma. Ela descreve, por exemplo, como os calvinistas atacam comunidades que acusam de livre-pensamento.
Jan escreve um ensaio no qual acusa a alta nobreza e o alto clero. Apegam-se aos seus privilégios com os quais os humanistas de pleno direito não concordam. Ele nunca obtém o *imprimatur* para esse ensaio.
Jean Jacques recebe ensino em flamengo, francês e alemão.

04 - O Privilégio de Saber

Na segunda metade do hectano 117 as classes superiores e o poder pressentiram que algo estava a se preparar na França sem saber bem o quê. A nobreza e a classe média alta, no entanto, expressa cada vez mais abertamente comentários negativos ou irónicos sobre o poder absoluto do rei.
Jan e Madeleine organizam as suas vidas em Oostende. Na *Bélgica Austriacum* a família não sabe muito bem o que se passa na França.
Jan é tutor de crianças da burguesia local, agora que a *Companhia de Oostende* foi dissolvida. Ele continua a corresponder com o pai em Lille.
Madeleine documenta-se usando a biblioteca do avô de Jan. Ela reune todas informações que consegue sobre invenções interessantes de *1750* até *1775 d.Chr.* e que retêm a sua atenção.
É evidente que há uma enorme diferença entre o que os

humanistas da Reforma e do Iluminismo afirmam aspirar e o que realmente alcançam. As pessoas são mantidas na ignorância simplesmente para lhes negar o privilégio do conhecimento que abala as relações de poder. Poucas pessoas ainda conhecem a obra de Newton. Poucas entendem o que filósofos e estudiosos da natureza publicaram nos últimos cem anos. Os analfabetos têm apenas uma vaga ideia do que é aprender. Apenas os letrados compreendem a importância que os estudiosos atribuem às *Academias Reais* que poucos se preocupam com o ensino em geral.

É claro que o público letrado entende a importância da universidade. Não é surpresa portanto que Jean-Jacques deixe Oostende aos 15 para estudar em Leuven. Apaixonado pelo que a ciência tem a oferecer, ele escreve aos pais sobre as suas primeiras experiências com a filosofia e as ciências naturais.

Em Leuven, Jean-Jacques conhece Élise Duchamp. Ela é a segunda filha da família burguesa onde ele se hospeda como jovem estudante. Com ela compartilha tudo o que aprende na universidade, simplesmente porque sabe da avó que o privilégio do Saber se aplica a todos, inclusive às mulheres. Perdidamente apaixonados, Jean-Jacques e Élise começam a sua vida juntos. Élise mostra-se uma autodidata altamente culta, graças aos estudos com Jean-Jacques. O casal instala-se em Bruges em *1782 d.Chr.,* ano em que Fröbel nasce em Thüringen.

Na França, Mathilde e Dieudonné são aconselhados a ficaram discretos tal como nos anos 30 quando tiveram que fugir de Paris por causa dos panfletos que escreveram na época.

Dieudonné entra novamente em conflito com o clero por causa de sua maneira original de apresentar histórias bíblicas. Ele descreve ser um dos privilégios do Saber de aprender a distinguir mais facilmente uma mensagem de fé dos dogmas usados para manipular indivíduos ignorantes simplesmente para promover os seus próprios pontos de vista. São muito raros aqueles que detêm poder sobre a moralidade e a fé a apreciar os seus escritos.

Na França a família Lemaître discute a situação política entre amigos. Mathilde Larouge corresponde com vários nobres que irão participar num golpe alguns anos mais tarde. À medida que compreende melhor as razões do descontentamento, ela prevê um cenário que só pode terminar em terror. Ela expressa a sua preocupação em duas cartas ao filho quando Dieudonné morre inesperadamente em *1784 d.Chr.*.
Mathilde sente-se cansada da vida e impotente demais para continuar a lidar com o barril de pólvora em que a França se torne pouco a pouco. Ela deixa Lille e estabelece-se em Oostende, perto do filho.
No ano de morte da mãe, Jan apresenta uma nova versão da relação entre ignorância e arrogância. Trata-se de um texto inacabado que começou a escrever com a mãe e uma versão revisada de uma reflexão sobre humanistas, ensino e escolarização, na qual ambos analisam criticamente Jean-Jacques Rousseau e Condorcet. Esta versão inclui algumas ideias sobre educação popular e uma discussão sobre livros didáticos.

Mathilde ainda vive o início dos anos de terror que tanto

previra. Embora não particularmente surpreendida pelos acontecimentos, ela fica decepcionada ao perceber que a revolução, na verdade, nada mais significa do que substituir aqueles que desprezam o povo por aqueles que lhes mostram desdém. Essa decepção influencia o neto Jean-Jacques quando ele reúne ideias sobre conhecimento, ciência e a arte de ensinar.
O filho Lodewijk de Elise e Jean-Jacques nasce em *1788 d.Chr.* em Brugge. Jean-Jacques e Elise promovem um círculo de estudos para o conhecimento. O círculo mantém contato com as poucas câmaras de retórica ainda existentes.

Toda a família sobrevive aos anos de terror que também afetaram a sua região durante a ocupação francesa porque emigram temporariamente para a República Unida das Sete Províncias dos Países Baixos (*Belgium Fœderatum*).
De volta de Sluis, Jan continua as seus leituras acerca das ideias humanistas. Ele continua chocado com os banhos de sangue associados ao uso do poder como são conhecidos e descritos por autores de sua época.
A ocupação de *Belgium Austriacum* por soldados franceses complica cada vez mais a vida da família Lemaître até Napoleão perder a Batalha de Waterloo. Só a considerável erudição de Jan continua a lhe proporcionar rendimentos como tutor dos filhos de alguns burgueses de Oostende. Morre antes do fim da ocupação francesa.

05 - Os Escravos do Poder

A Europa depois da Revolução Francesa não é mais favorável

aos *sujeitos súbditos* do que a Europa dos monarcas absolutos. Poder e opressão continuam a estar de mão dados com o Conhecimento, apesar do Iluminismo.

Em *1797 d.Chr.* Jean-Jacques e Elise assistem ao fechamento da Universidade de Leuven. O regime centralista que sucedeu à revolução decide fechar todas as instituições universitárias em todos os territórios ocupados.
Lodewijk é ferido em *1804 d.Chr.* por uma bala perdida nos Campos de Bruges perto de Oostende. Ele fica mais tempo do que previsto na cidade costeira, recebendo tratamento médico. Volta a Bruges de barcaça, acompanhado por Hanne Greysel.

Jean-Jacques continua os estudos do pai e do avô sobre a escola para o povo. Para os filhos do povo a situação é bastante clara. Desde o início do século XIX d.Chr. o sistema de classes escolares é gradualmente introduzido em todas as escolas existentes. Jean-Jacques pesquisa o fenómeno e compreende já em *1804 d.Chr.* quais os perigos associados à obrigatoriedade da instrução advogada pelo modelo de Lancaster. Na prática *a pequena escola* torna-se a escola padrão para as crianças da classe trabalhadora. Logo, crianças e jovens tornam-se os novos escravos de quem está no poder. A industrialização capitalista cuida do resto. Elise e Jean-Jacques não analisam apenas as condições de vida dos pobres locais, mas também a evolução do uso de escravos negros nas colónias.
Por meio de contatos com pessoas em universidades que não estiveram sob ocupação francesa e permaneceram abertas, Elise parece ter compilado um novo inventário de mulheres que

conduziam pesquisas científicas. O casal publica curtas biografias de mulheres que consideram figuras-chave.

Hanne e Lodewijk viajam regularmente para Bruxelas após 1815 d.Chr.. Envolvem-se com os círculos intelectuais de cidadãos que acompanham a Reforma da Bélgica (um pequeno pedaço de terra no continente europeu considerada um reino independente entre aproximadamente 1830 d.Chr. e a criação da Megabelgium no último quarto do hectano 120 e para já fazendo parte do *Reino Unido dos Países Baixos*).
As viagens de Lodewijk tornam-se menos frequentes à medida que a sua saúde se deteriora devido ao antigo ferimento de bala. Em 1822 morre de envenenamento por chumbo. Entre 1818 d.Chr. e o ano de sua morte Lodewijk escreve entre outras coisas acerca das ideias de Pestalozzi. Refere-se da mão dele também biografias de Beethoven, Bach e Bernoulli, mas apenas fragmentos foram encontrados. Existem dois conjuntos de notas de Lodewijk, talvez de uma espécie de diário, no qual ele descreve a sua saúde debilitada.

Jean-Jacques pondera frequentemente o sentido da vida após a morte do filho, a quem sobrevive por treze anos. Quando Elise morre em 1831, ele fica ainda mais amargurado, mas continua a cuidar da neta Johanna.
É que após a morte de Lodewijk, Hanne deixa a sua filha aos cuidados do avô Jean-Jacques e desaparece com o filho mais novo para Bruxelas. Lá frequenta cada vez mais os círculos burgueses franceses.
Jean-Jacques já era cético em relação a Deus a morte do filho e

fica ainda mais cético agora. Johanna frequenta por isso uma das poucas escolas oficiais que escapam ao controlo das autoridades eclesiásticas.
Um detalhe interessante desse período é que, quando Johanna era pequena, Jean-Jacques procurava livros que pudessem interessá-la. Isso dá-nos uma ideia da existência limitada de *literatura infantil* na região do mundo onde Jean-Jacques vivia.

Algum tempo após a morte dos avós, Johanna parte para Bruxelas sem planos concretos. Ela mostra curiosidade acerca do trabalho de Fröbel. Enquanto tenta contatar o pedagogo, observa as condições de vida daqueles com poucos ou nenhum poder financeiro. E então, inesperadamente, alguém entra na sua vida. Ela conhece Henry Teacher. Henry é filho de um soldado inglês de Waterloo que a mãe de Henry conheceu após a batalha.
Com os amigos de Henry, Johanna entra em contato com a *Association Democratique*. A partir desse momento, Johanna integra círculos de protesto que levam à primeira Internacional. Ela conhece o ativista local César Depaepe.

Teve entretanto também a oportunidade de conhecer Fröbel antes de sua morte em 1852. Ela lê textos dos educadores reformadores e compreende melhor os perigos da escola lassalliana com o modelo organizacional de Lancaster que começa a ser introduzido em muitos países europeus. Johanna procura entender os significados subjacentes aos programas de ensino e estudo de vários governos. As suas anotações mostram claramente como ela e os seus amigos estavam preocupados

com uma escola da instrução, condicionante e manipuladora.
Johanna e Henry Teacher moram em Kelmis, Estado Livre de Moresnet, quando, em 1844 d.Chr., nasce o filho Frederick.

Do período subsequente, temos apenas algumas cartas de Johanna. Algumas biografias de líderes daquela parte do planeta, então conhecida como *Mundo Ocidental* fornecem-nos uma visão mais aprofundada do desdém geral que a elite demonstra em relação aos servos subordinados e os súbditos em geral. Rotulam como primitivos os povos de outras partes do mundo. Isso permite deduzir alguns eventos significativos para a família, incluindo o motivo pelo qual se estabeleceram em Kelmis, Moresnet. Relataremos esse período e sua importância para a dinastia em *A Escola dos burgueses Iluminados*.
Da pouca correspondência podemos deduzir que alguns amigos de Henry estão envolvidos no movimento *Risquons tout*. Os contatos com círculos socialistas fazem com que a família também conheça Karl Marx, um intelectual oriundo da pequena burguesia alemão e cujo nome ficou no termo *Marxismo*. Este termo identifica uma corrente económica e social que inspirou tentativas de coletivização compulsória com fracos resultados.

Com Joana, o fim da França Imperial e a formação do mini-estado da Bélgica, também termina a dinastia Lesmeister-Lemaître. A dinastia Teacher-Demeester começa com Frederico Teacher em *1844 d.Chr.* para continuar com a família Demeester que vive nos hectanos 119 e 120 (*séculos XX e XXI d.Chr.*).

Como sabemos pelo livro anterior, a família Teacher-Lemaître estabeleceu-se em Kelmis por volta de *1840 d.Chr.* (118.40 HE). Johanna e Henry consideram Moresnet uma espécie de refúgio, menos sujeito à burocracia da recém-formada Bélgica. Johanna corresponde com vários fundadores de escolas que trabalham na linhagem de Fröbel. Ela troca cartas com Diesterweg até a morte dele.

Na década de 90 do hectano 118, Johanna acompanha o desenvolvimento da *Escola Nova.* Terá ela conhecido Paul Geheeb pouco antes de morrer? Talvez. No entanto, ela é mais crítica do que a geração mais jovem, à qual Geheeb pertence, em relação ao que considera os desvios burgueses. Johanna relaciona as suas críticas com suas observações através da matriz ignorância/ arrogância que desenvolveu alguns anos antes.
A partir de algumas das notas e cartas recuperadas de Johanna para Frederick, sabemos que Johanna publicou esta matriz de ignorância/arrogância alguns anos após a Comuna de Paris. Como ela mesma explica ela ficara influenciada pelas suas leituras acerca da organização da natureza com a hélice telúrica de Chancourtois e a segunda tabela de Mendeleev. Criou uma tentativa de tabela dinâmica também que deu o nome de escala ignarométrica com o intuito de estudar as relações humanos.

Frederick tem seis anos quando Johanna decide abrir sua própria escola, onde ele e seus irmãos terão a sua educação base.
Quando Frederick tem 16 anos, Annie Dehaan, de 10 anos, chega a Kelmis porque o seu pai, um mineiro, está a mudar da

mina de carvão subterrânea para a mina de superfície da *Vieille Montagne*. Annie visita regularmente a sua professora Johanna na sua casa e ela e Frederick tornam-se amigos inseparáveis.

O Estado belga moderniza-se. Oostende ganha nova fama, principalmente devido à atenção dada à cidade por Leopold II, Rei dos Belgas. Uma nova conexão direta foi estabelecida entre a estação ferroviária e o cais de *mail-boat* para Dover, de onde os comboios seguem para Londres.

Frederick e Annie decidem estabelecer-se em Liège quando nasce a sua filha Jeanne.
Durante vários anos, Frederick trabalhou com a mãe e os educadores que moldam o novo movimento escolar. Em Liège, ele também pôde obter mais facilmente uma visão geral das condições de trabalho dos operários e do trabalho infantil.
Annie e Frederick passam por todas discussões entre clérigos conservadores, liberais e socialistas acerca do controlo da escola. Eles examinam o Poder e o Contrapoder quando a *luta pela escola* ganha força na Bélgica. Os filhos do casal frequentam a escola municipal. Numa de suas cartas, Johanna compara a sua infância na uma escola pública em Oostende fundada pelos neerlandeses, com a escola municipal de Liège fundada por liberais anticlericais.
A atividade política de Frederico leva-o de volta a Kelmis, onde será executado em 1914.

Quando ainda era solteira, Jeanne descobriu o que a sua avó trouxe de Oostende na época, entre os quais alguns documentos interessantes relacionados à família nos séculos *XVIII e XIXd.Chr.,*

principalmente após a Revolução Francesa.
Jeanne compreende as dúvidas dos seus pais em relação aos líderes da Igreja e relaciona-as com as atividades da sua avó na Primeira Internacional. Em 1899 d.Chr. ela tem 24 anos e viaje para Oostende onde conhece Edward Peeters, associado à *Escola Nova*. Durante essa viagem, ela também entra em contato com os irmãos Daens. Descobre a luta do Padre Adolf Daens para defender os flamengos pobres contra os líderes conservadores da Igreja. A sua crescente simpatia pelo progressista movimento trabalhista cristão irá influenciá-la na manutenção de uma espécie de precursora da escola pluralista.
Ao chegar a Oostende, Jeanne conhece Adolph Ferrière. Está de visita à Edward Peeters e a caminho de Dover para se encontrar com membros da *Escola Nova* na Inglaterra.
Jeanne também embarca para a Inglaterra. Na viagem de regresso ela conhece Lodewijk Demeester.
Os jovens partilham a oposição àquela parte arrogante, desenformado e intolerante do clero. Logo após o seu casamento, Lodewijk mostra defensor do esperanto em Moresnet, com o pai de Jeanne. Lodewijk, Frederick, Jeanne e Johanna falam e escrevem sobre a aprendizagem tendo a educação como base. Tal como Dewey de certa forma argumentará em *Escola e Sociedade,* consideram a escolarização nas mãos do Estado uma ameaça potencial à democracia se não se observar um número de requisitos.
Jeanne e Lodewijk visitam Oostende diversas vezes e mantém o contato com Edward. Ele apresenta-os a vida dura dos pescadores e fala-lhes de John Bauwens. Eles também ouvem

falar de Alphonse Souris, pai de Lucien que é aluno de Edward.
Lucien nasceu em Flemalle Grande, onde Alphonse trabalhava como operador de máquina a vapor para Cockerill. Quando Lucien completa seis anos, a família muda-se para Oostende e ele fica na turma de Edward que Jeanne um dia visita. Lucien passa a infância em Oostende até começar a estudar engenharia.

Depois de se familiarizar com as condições de vida dos pescadores de Oostende e dos operários da Flandres Central, Jeanne decide aprender flamengo. Participa na fundação da Segunda Internacional e envolve-se cada vez mais na vida pesqueira de Oostende. Segue os primeiros passos da *Companhia de Navegação de Oostende* e da *Empresa de pesca a vapor*. Ela também acompanha algumas aventuras de Alphonse, que entretanto se torna o maquinista do *Jaqueline*.
Em 1902, Jeanne e Lodewijk encontram-se pela última vez em Oostende, onde se hospedam com o casal Peeters. Os temas da conversa são Leopold II e o Estado Livre do Congo. Os dois casais discutem a escravidão e a atitude paternalista dos governantes e seus seguidores em relação àqueles que não pertencem a um povo com '*cultura ocidental*'. Ao regressar a Liège, Louis nasce em Tienen, cidade natal de Lodewijk.

07 - Tempos de Chumbo

Esta parte da saga familiar relata eventos que ocorreram em duas guerras denominadas como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Ambas as guerras foram iniciadas por governantes da

Zona 2 Norte, seguidos posteriormente por outros governantes do Hemisfério Norte. A Primeira Guerra Mundial também abrangeu grande parte do Hemisfério Sul que na época era fortemente colonizado pelo Hemisfério Norte. A Segunda Guerra Mundial teve um impacto menos direto sobre a *Zona 1* mas cobria ambos os hemisférios.
Como as famílias da segunda dinastia Magister-Auctor viviam na região então conhecida como Bélgica, estiveram profundamente envolvidas em ambas as guerras. Os dois conflitos armados são discutidos aqui com base em notas e cartas de Jeanne Teacher, Lodewijk Demeester, Louis Demeester, Lucien Souris, Charlotte Hofstadter, John Demeester e Jeanne Souris.

Mesmo antes do primeiro conflito armado, cientistas e pesquisadores estavam ativamente envolvidos em diversos movimentos internacionais. Quem estava envolvido nas ciências naturais, incluindo química, física, astronomia e biologia, discutia o muito grande e o muito pequeno. Durante o mesmo período, tópicos relacionados ao pensamento e à organização humana moldaram as humanidades. Psicologia, economia e sociologia desenvolveram-se e fundiram-se com história e filosofia. Em Bruxelas, as Reuniões Solvay serviram como referência internacional antes e entre as duas guerras.

O livro começa com a morte de Jeanne Teacher em 1918 d.Chr.. Em flashback, revistamos os eventos entre 1903 e 1918 d.Chr.. Temos dois conjuntos de documentos e notas à nossa disposição para esse fim. Uma coleção é de Louis Demeester, a outra de Lucien Souris.

Com Lucien Souris, continuamos a acompanhar a evolução da vida dos pescadores. Lucien é forçado a interromper os seus estudos de engenharia quando é convocado para o exército belga. Ele está na Batalha do Yser. Pelas cartas aos seus pais, podemos aprender algo sobre a sua vida nas trincheiras. Ele escreve sobre uma guerra para a qual, como soldado, foi convocado sem o pedir, e da qual, convencido de sua futilidade, tenta descobrir as causas.
Lucien termina a guerra como segundo-tenente e torna-se oficial da reserva. Charlotte conhece Lucien Souris em 1919, quando ele ainda está no quartel de Dendermonde. Dez anos mais nova, ela gosta de ouvir e quer continuar a viver aventuras ao lado de Lucien quando, após de ser dispensado do exército, se casam e vão viver na costa belga.

Entretanto continuamos a acompanhar os eventos em Kelmis, onde a invasão alemã em 1914 tem consequências dramáticas para a família Teacher-Demeester. Como em outras partes do mundo, também havia em Kelmis aqueles que esperavam uma globalização baseada na cooperação e não na ocupação armada. Frederick sempre apoiou o movimento esperantista. No início da Primeira Guerra Mundial, foi executado por soldados alemães. Morreu aos 70 anos. O seu genro Lodewijk, de 38 anos, também foi assassinado. Nesse mesmo dia, um jovem professor chamado Célestin Freinet começou o seu primeiro trabalho na França.

Jeanne é viúva e órfã de pai. Ela quer fugir para Oostende, mas viajar para o litoral com três filhos durante uma guerra, mostrou ser algo de impossível. Ela desiste das suas tentativas e

chega a Tienen a pé, onde permanece até a sua morte em 1918. Ela escreve as suas memórias enquanto trabalha numa herdade, propriedade de primos de Lodewijk.
Ela morreu de uma violenta gripe que causou uma pandemia no final da Primeira Guerra Mundial. Pelo que sabemos nem ela nem seus filhos tiveram qualquer contato posterior com Annie Dehaan.

Louis perdeu o pai no início da guerra e tinha 15 anos quando a mãe morreu. Sem contato com a avó, ele ficou órfão. Matricula-se na Escola Normal de Lier e inicia os seus estudos como professor. Sendo o mais velho de um irmão e duas irmãs, ele continua a supervisionar os irmãos hospedados em casas de parentes. Podemos acompanhar os estudos de Louis e a subsequente carreira graças aos documentos que recuperamos da Biblioteca Paulo Demeester. Isso permite-nos de nos formar uma ideia do que um currículo nacional pode significar quando controlado por quem está no poder. Também ficamos a saber o que críticos, como o já mencionado John Dewey, pensam acerca disso. Através de Louis e Jeanne, também temos informação referente ao *Projeto Minerva* e a sua ligação com a *Escola Nova*.

Louis orgulha-se de dispor dum exemplar da primeira edição da tradução em neerlandês da obra de Dewey (datada de 1926 d.Chr.), um presente de um amigo no nascimento de seu primeiro filho que, não por coincidência, se chama John.
Acompanhamos Louis no seu pensamento liberal com o qual adopta muitas das ideias do movimento da escola nova.
Antes, entre e depois das duas guerras do hectano 119,

iniciativas pedagógicas inovadoras eram frequentes. De Geheeb a Freinet, de Parkhurst a Jenaplan, mas também de Ferrer a Steiner, o hemisfério norte não teve escassez de propostas e modelos. Mas o que eles significaram para as escolas em geral? E o que essas ideias significaram para o resto do mundo? Louis tenta encontrar informações sobre isso, mas, aparentemente, nem sempre obteve muito sucesso.

Em 1927 Louis tem 24 anos quando conhece Graciete que é filha do sacristão da Catedral de Gent. Eles casam-se em 1928. Como filha de Gent, Graciete não descansa até voltar à sua cidade natal. Ela pressionou Louis de renunciar ao cargo de professor e de iniciar uma carreira que ela considera mais adequada ao marido da filha do sacristão de uma catedral.
Tienen fica a cerca de 80 quilómetros de Thuin, onde o professor de ensino primário Cuisenaire experimentava com réguas de cálculo, primeiro em papelão e depois em madeira. Muitos anos depois, Louis mostra ao neto Paulo as réguas que também ele fabricou antes, para facilitar o trabalho com crianças. Mas hoje o seu filho John só tem 5 anos e Louis assume a direção de serviços da Escola Normal de Gent. Durante esse período, ele frequentemente conta as histórias do diretor Ceulemans. Louis atualiza a escala ignarométrica da sua mãe e sugere uma nova representação gráfica sob forma de uma tabela de duas entradas, provavelmente naquele mesmo ano.
Dois anos depois, nasceu Hans, o segundo filho do casal.

Enquanto Louis continua no mundo da aprendizagem e do ensino, Lucien envolve-se no movimento trabalhista de

Oostende, após se mudar para uma moradia numa vila próxima com Charlotte. Eles têm três filhas em seis anos. Lucien é engenheiro químico *de facto* e nessa função ele assume a gestão de uma pequena fábrica de tijolos da qual o movimento trabalhista cada vez mais organizado é proprietário.
Lucien aproveita as visitas aos pais, que ainda moram em Oostende, para regularmente parar na livraria Corman. Lá, ele conhece os intelectuais da região, bem como diversas figuras famosas que fazem de Oostende uma parada nas suas viagens.

As duas famílias vivem a aproximação do próximo conflito armado de maneiras diferentes. Desta vez o conflito é causado por líderes xenófobos, populistas e nacionalistas. Na Alemanha estes líderes querem ainda por cima recuperar do cessar fogo da Primeira Guerra Mundial que contém clausulas humilhantes impostos pelos vencedores europeus. A correspondência tanto da escola de formação de professores de Gent quanto da pequena fábrica de tijolos permite-nos reconstruir os eventos da primeira metade da década de 1940 nas duas cidades.

Durante a invasão alemã de 1940, Louis foge com a esposa e os dois filhos para a costa francesa, na esperança de escapar para a Inglaterra. A tentativa não tem sucesso. No início da ocupação, a família retorna a Gent, onde Louis continua a administrar a escola de formação de professores, parcialmente ocupada por soldados alemães. Durante a ocupação, Louis teve vários encontros clandestinos ou semi-clandestinos interessantes.

Na mesma primavera e verão de *1940 d.Chr.* Charlotte embarca numa jornada épica pela França com as três filhas.

Como muitas mulheres e crianças das quais muitas mães lembram 1914, elas fogem da aproximação das tropas alemãs. Ela encontrara refúgio numa grande herdade na região de Clermont-Ferrand. Lucien e um amigo reencontram-se com a família alguns meses mais tarde e voltam para a Bélgica agora ocupada pelos alemães.

Em 1942, Graciete acolhe um padre português, com quem discute a história da Igreja e o mistério de Fátima. No entanto, o padre parece mais interessado no Movimento da Escola Nova e na obra de Ferrer.
Junto com Louis, ele traça Faria de Vasconcelos. Louis aprende mais sobre a curta esperança em Portugal dum ensino renovada, entre *1910 d.Chr.* em *1926 d.Chr.* A esperança perde-se novamente devido à contínua disputa pelo poder que degenera numa espécie de Estado totalitário. Ambos discutem também a educação na América Latina (zona 3 sul).
Oficialmente, o padre português está em Gent para estudar os primitivos flamengos e a arte sacra. Na prática, e mais ou menos sob o nariz das forças de ocupação, ele integra uma rede clandestina que presta auxílio a pilotos ingleses e refugiados de todos os tipos que desejam alcançar o movimento de resistência francês ou Portugal oficialmente neutro e assim regressar a Inglaterra.

John passa a infância na escola de formação de professores, entre futuros professores. Também tem encontros com os jovens soldados alemães lá estacionados e, durante a contra-ofensiva de uma força internacional convive com americanos e

canadenses. No fim da guerra John tem 16 anos e contatos por correspondência com pessoas de várias partes do mundo.
No final da mesma guerra Jeanne tem 15 anos. Aconselham-na de seguir estudos nas disciplinas de línguas em vez de seguir o seu sonho pela matemática, pois ciências e matemática continuam áreas desaconselhadas às mulheres.
Na mesma altura, um pequeno grupo de professores franceses, incluindo Fernand Oury, lançam as bases para o que ficará conhecido como pedagogia institucional.

08 - A Massa Medíocre

Após a Segunda Guerra Mundial cresceram em tamanho e atividade diversas associações de educadores comprometidas na consciêncialização de si e a conscientização de outras até o final dos anos 80.
Louis aposenta-se em 1964 d.Chr. e começa a compilar uma visão geral dos pedagogos do século XX. Sistematiza também o seu conhecimento sobre a Escola Nova e descobre que a sua mãe conhecia o professor de Lucien. Isso leva a conversas entre ambos. Jeanne muda-se para Gent e mora com uma amiga para começar seus estudos de línguas românicas. John experimenta diversas áreas antes de se dedicar aos mesmos estudos durante um ano. Foi assim que ele conheceu Jeanne.

John e Jeanne se interessam pela educação participativa e a vida comunitária, associativa e a cultura em geral. Jeanne foi aluna do professor de matemática Houvenaghel, que acabou por morrer num campo de concentração por estar comprometido

com a resistência durante a ocupação. Ela denuncia frequentemente a Igreja Católica Romana a assumir por diversas o controle da escolarização na Bélgica. John distancia-se cada vez mais da sua educação católica que lhe foi imposta principalmente pela mãe.

John e Jeanne casam-se na véspera de Natal numa cerimónia civil. A ala mais católica da família recusa-se a comparecer.
John torna-se assíduo visitante da livraria Corman, onde mantém conversas inspiradoras com o responsável de vendas Senhor Kermarec. Considera-as extensão das que mantém com o sogro Lucien Souris. Este último comenta as vezes o período entre o final do século XIX e o fim da Segunda Guerra Mundial. Ele discute o tédio e a noção romântica disseminada de que a humanidade teria chegado ao fim de sua busca por conhecimento porque tudo então passou a ser conhecido. É um tema de que falará Georges Steiner alguns anos mais tarde. Segundo Lucien aqueles que detêm o poder, mas também muitos cientistas, tinham uma visão catastrófica do ensino e da criação.
Inspirado, John inicia um grupo de discussão e reflexão com um pequeno grupo de intelectuais de Oostende de diversas convicções. O grupo irá manter-se enquanto dois dos membros estiverem vivos. Nesse grupo, assim como com outros amigos, John discute fé e ciência, o exercício do poder e a democracia, e a escola que se auto-proclama democrática, mas não o é. Ele discute a não-bijeção em relações pluralistas, o que cria uma situação paradoxal para os pluralistas: pode quem não deixa outros pensar livremente ser banido em nome do direito à

liberdade de pensamento?
Pouco depois de meados do hectano 119, nascem Paulo e Anne e John começa a trabalhar com jovens sob contratos de aprendizagem, que foram expulsos do ensino profissional quando a pressão teórica aumentou mais uma vez sem haver ajustes no modelo escolar que origina a expulsão.

John interessa-se cada vez mais no processo de aprendizagem dos adultos quando passa a conhecer em *1974 d.Chr.* um dramaturgo que fugiu do Chile, um país da então América e que sofreu de um golpe de Estado. É um incentivo para ler as ideias de Paulo Freire, Bertrand Schwartz e por fim também cruzar a pedagogie institucional de Fernand Oury com a aprendizagem de adultos.

Desde *1968 d.Chr.* John tem sido um crítico da ideologia comunista baseada na análise marxista quando colocada em prática. Isso não o impede de manter amizades com o pequeno círculo comunista da cidade onde mora. Ele quer demonstrar no entanto que uma ideia como a *ditadura do proletariado* não seja compatível com uma educação pluralista e uma ética cosmopolita.
John e Paulo encontram-se com diversos pensadores que vêem a educação dialogada como base de qualquer processo de aprendizagem daqueles que não têm o direito de falar ou que foram proibidos de falar. Eles partem da ideia de que o aprendiz é guiado pelo ***antropo***gogo. O ***peda***gogo é o antropogogo que trabalha com crianças. Eles referem-se novamente à etimologia da palavra neerlandês *onderwijzer* (professor primário): a pessoa

que fornece uma base (***onder***) para aqueles que buscam a sabedoria (***wijs***heid). Eles visitam vários países europeus, incluindo a França, onde estabelecem uma forte amizade com Claude Azuara, que denuncia a crescente pobreza e cita vários autores que abordam este assunto. Claude Azuara corresponde com eles por muitos anos e encontra-se várias vezes com John.

Durante e após a viagem com o pai, o Chile e Portugal deixam marcas no jovem Paulo. Após de se formar como professor de ensino primário, ele busca aventuras no mundo da aprendizagem e liga conhecimento com uma jovem professora urbano francesa, um velho republicano em Barcelona e uma alfabetizadora no sul da Espanha. Antes de desaparecer da Bélgica, ele conhece alguns portugueses que lhe falam de Gabriela Llansol, uma escritora pouco conhecida. Por cá estabeleceu no período em que era refugiada política uma espécie de comunidade de aprendizagem em Leuven. Depois Paulo conhece Maria Coelho com quem viveria até a morte dela.

Uma vez em Portugal, Paulo encontra-se com Jorge Du Port, um cientista que trabalha muito com crianças, mas tem pouca experiência de ensino. Eles discutem como a ignorância dos professores leva a um ensino de massa abaixo da média, o que apenas aumenta a ignorância. Jorge também argumenta que aqueles que não pertencem ao círculo de eleitos são frequentemente impedidos de se desenvolver. Ele gosta de usar os argumentos de Popper e discute a mediocridade no meio académico.
Paulo trabalha exaustivamente com crianças e adultos em

condições desfavoráveis na Europa, mas que seriam ainda consideradas de luxo em muitos outros lugares do planeta. Isso leva-o a refletir sobre os limites de um sistema.

Com a transição para o terceiro milénio do calendário gregoriano, John percebe com clareza o quão mal factos simples são discutidos com crianças e adultos. Ele observa com crescente consternação como, em quase todos os lugares do planeta, a transição do milénio é celebrada entre 1999 e 2000 d.Chr. e não entre 2000 e 2001 d.Chr.. Ironicamente muitos dos que entram na festa são os mesmos que descartam o calendário holoceno como um absurdo científico mas que justificaria a celebração de passagem do hectano no número redondo de que tanto gostam.

Após a histeria coletiva nas plataformas digitais sobre o momento em que o milénio ocorre, como se fosse um facto absoluto das ciências da natureza e não uma mera convenção num calendário sem ano 0, Paulo publica uma nova versão atualizada da estrutura ignarométrica.

Está igualmente preocupado com o crescente consumismo e o individualismo excessivo no mundo em que vive. Ele observa como a degradação e mediocridade só parece aumentar, na academia, no mundo humano, na vida quotidiana, no mundo virtual das instituições…

Já nas últimas duas décadas do *século XX d.Chr.* Paulo escrevia sobre a superficialidade do ensino universitário, sobre o modelo de instrução que se infiltra cada vez mais nos programas educacionais cada vez mais longos. Ele documenta os movimentos críticos, mas também as preocupantes teorias da

conspiração surgindo por toda parte.
Nascem as duas filhas de Paulo e Maria, Catherine e Joana Demeester. As irmãs são conhecidas no meio académico e nas *Convivialis Civitas* como as fundadoras da análise ignarométrica em sociologia.

09 - A Era dos Aprendentes

Este livro aborda principalmente três mulheres. Joana e Catherine têm os papéis principais. Na segunda metade do livro, acompanhamos Greta Campos.

Os primeiros capítulos são baseados na correspondência entre Paulo e John e entre John e as suas netas Catherine e Joana.
John morre em 120.15 HE. Após sua morte, Paulo viaja para Oostende com bastante regularidade. Usa as viagens para refinar as suas ideias sobre paradigmas educacionais. A aprendizagem e uso do poder são os temas centrais.
Paulo tem conversas bastante longas e um tanto filosóficas com as suas duas filhas. Ele acompanha de perto o trabalho de pesquisa da Joana sobre comunicação (no sentido mais amplo da palavra) como ferramenta interativa para aprendizagem dialógica. Com Catherine, ele fala principalmente sobre a biodiversidade, a evolução humana e a maneira como a história é escrita.

Paulo introduz Hypolite d'Ailleurs às suas filhas. Ele torna-se um amigo próximo delas tal como Steven Bird. Hypolite assume uma postura altamente crítica, tanto em relação aos branqueamentos da ação capitalista quanto aos chamados movimentos alternativos

que propõem tecnologias simples para os segmentos da população mundial que ainda não possuem tecnologia mas não se comprometem com a sustentabilidade global do planeta, perpetuando, se não agravando, o desequilíbrio.
Hypolite também abre uma discussão bastante filosófica sobre o significado de um *Espaço Cultural* como um espaço intermédio e provisório por onde passa a conceptualização da integração, da inclusão e da inserção.

Após a morte repentina de Maria em 120.19, Paulo dedica muito do seu tempo aos netos Alexandre e Francisco e à neta Greta, nascidos entre 120.18 e 120.20. Também acompanha de mais perto o trabalho das filhas.
Os projetos da Joana situam-se principalmente na comunicação e na interação em contextos de aprendizagem. Ela trabalha muito em torno da comunicação entre pessoas com deficiência auditiva e ouvintes. A maioria de seus projetos de pesquisa é realizada em parceria com Ester Langlauf, uma amiga desde os tempos de estudante. A sua irmã Catherine e a sua sobrinha Greta consultam-na regularmente sobre as suas pesquisas.
Catherine trabalha em vários projetos relacionados com o desenvolvimento humano. Ela contata regularmente com Steven Bird desde que vive em Londres. As conversas com Steven ajudam as irmãs Demeester a formar uma opinião sobre a natureza artificial das fronteiras geográficas e de outras fronteiras estabelecidas pelo homem.
Catherine e Joana rapidamente compreendem que a matriz ignarométrica utilizada dentro da família é uma ferramenta valiosa para analisar os fenómenos que observam. Como

especialistas em pesquisa fenomenológica em vários ramos das humanidades, elas incorporam cada vez mais essa matriz nas suas publicações.

Alguns anos antes da sua morte, Paulo conhece Catarina, uma jovem investigadora que analisa a literatura infantil e reúne informações sobre o que ela chama *literatura infantil inteligente*. Ela refere-se assim a livros infantis que estimulam as perguntas e a curiosidade das crianças sobre tudo no que se relaciona com conhecimento e ciência. Ela cultiva a ideia da uma biblioteca infantil multilíngue. Catarina trabalhou com Paulo com frequência e, mais tarde, com Alexandre N'Kondo e com Greta.
No mesmo período, Paulo conversa frequentemente com os companheiros das filhas. Economia, pluralismo, a condição humana e o paradoxo da utopias são temas de conversa.

Nas duas primeiras décadas do 120º hectano parecia algo ter mudado na forma como o conhecimento e a ciência eram geralmente abordados. Depois do ideal escolar ter sido ofuscado por um hectano e meio pelos mecanismos de exclusão cada vez maiores com os quais a burguesia em ascensão procurava proteger-se, uma influência crescente da pedagogia crítica, da antropogogia institucional e de um foco renovado no aprendente é visível na reorganização da escolaridade obrigatória.
Um partilhar mais global do conhecimento e da ciência leva a uma maior conscientização. Cada vez mais pessoas entendem que os humanos estão a exercer uma pressão perigosa sobre a viabilidade geral de todo o planeta. Essa pressão é muito drástica em ecossistemas específicos. A crescente ocorrência de

pragas de vírus e bactérias agressivas, visando principalmente a espécie humana era previsível e mesmo assim surge para muitos como uma surpresa.
A pequena parcela da população que sabe que o seu poder está ancorado no seu império financeiro sente-se ameaçada.
A fantasia da vida eterna e o individualismo exagerado resultante de uma sociedade baseada no consumo, na produção e no dinheiro, levará mais tarde este pequeno segmento mais rico da população a construir uma cidade espacial para privilegiados, que eles chamam de *Elysium*. Eles tiram inspiração de um bastante conhecido filme de ficção científica.
Mas a primeira consequência do pânico entre os que estão no poder de que um vírus pode destruir as suas esperanças de vida eterna faz com que um segmento crescente da população enfrenta permanentes proibições de viagem. Os impostos sobre produtos de consumo incluindo viagens aéreas, e todo uma serie de taxas de circulação aumentam brutalmente.
As irmãs Demeester e suas amigas acompanham com crescente preocupação o rápido desenvolvimento de regimes totalitários a partir da década de 2040 d.Chr.. Essa tendência marca o fim do breve retorno a uma Era do Aprendente. Inicia-se um novo período de arrogância destruidora, arrogância ignorante e ignorância arrogante.

Greta tem 20 anos quando o avô Paulo morre. Ela decide mudar-se para a casa dele por uns tempos. Encontra quase de imediato o livro de Song-Hee Lee, no qual a investigadora faz uma análise sociológica e biológica da importância da interação entre avós e netos. O interesse de Greta leva-a a fazer uma

catalogação sistemática do legado de seu avô. Joana mostra-se entusiasmada e ajuda Greta no que pode.

Durante esse período Greta mantém longas conversas com os irmãos N'Kondo tendo ambos escolhidos por carreiras artísticas. Aí tivemos sorte. Graças à perícia técnica de um deles, foi possível recuperar não só grande parte dos documentos escritos e impressos, mas também um número considerável de documentos preservados digitalmente, incluindo um arquivo de imagens com fotos e curtas-metragens em relativamente bom estado, apesar dos ataques eletromagnéticos durante o auge da destruição causada pelo Grupos de *Contramedidas Contra Cultura e Bibliotecas (Cou-Clib-Clans,* derivada da denominação inglesa *Counter Measures Culture and Library Clan)*. Alexandre, o neto mais velho de Paulo, lembra-se vivamente dos dias que passava regularmente em casa de Paulo e entrega a Greta as *cartas imaginárias* que Paulo lhe escreveu. Ele debruça-se também sobre os livros infantis da biblioteca como fazia enquanto criança. Revive momentos de quando parte da biblioteca era o seu espaço privilegiado.

Os livros infantis trazem muitas lembranças. O pequeno livro *Os Contos da Biblioteca* que Greta publica pouco depois é o primeiro resultado do seu trabalho de arquivista e contém histórias de Paulo para os seus netos. Uma série de textos avulsos que Paulo guardava numa pasta sob o título *Contos de fadas e histórias da biblioteca* mas que ele próprio nunca desenvolveu.

Alexandre tinha uma ligação muito forte com Paulo e com as histórias que ele contava. Do outro avô, herdou o dom da escrita. Escreve contos e novelas e também diversas peças de

teatro para as quais o irmão compõe a música.
Francisco compõe música para teatro e cinema. Mas também desenvolve uma abordagem cosmopolita à música sinfónica, incorporando instrumentos populares de vários continentes à clássica orquestra sinfónica.

No meio de outro conjunto de cartas, Greta encontra a correspondência com Cathy e Anne. Cathy era uma amiga de infância de Paulo. Eles frequentaram a escola primária juntos por alguns anos. Perderam contato, mas reencontraram-se anos mais tarde. Estavam juntos num grupo de estudos sobre a natureza. Cathy lembra algumas das aventuras numa espécie de diário. Algumas dessas notas, juntamente com o conteúdo de algumas cartas, compõem outro pequeno livro com o título *Bestas humanas*.
Uma terceira coletânea destaca a correspondência com Marta Lacour e aborda temas como antropogogia, pedagogia e psicologia. Graças a essas cartas, temos uma melhor compreensão da pedagogia institucional, do interesse de Paulo por escritores da *zona 3* como Sepúlveda e Pablo Neruda, bem como sua breve participação em um grupo de pressão política 'revolucionária'.

O nono livro termina com o nascimento Sergio, o filho biológico de Greta. Pelo que saibamos, Greta nunca revelou a identidade do pai de Sergio.

10 - Arrogância & Ignorância

Tal como seus pais Greta Campos preocupa-se muito com o

meio ambiente. Como revela o livro anterior, ela interessa-se bastante pela correspondência entre o avô Paulo e a amiga de infância dele Cathy Braydune com episódios de campanhas de proteção ambiental. Greta relaciona as ações da geração dos seus pais em adolescente com as dos avós em adolescente. Ambas as gerações preocupavam-se com as mudanças climáticas e criticavam a arrogância dos que estavam no poder na época.

Greta transforma a biblioteca do avô, incluíndo os seus escritos num centro de documentação acessível ao público. Alexandre administra o centro e organiza performances e concertos de orquestra de câmara para pequenos públicos, também com obras do seu irmão. Mais tarde, Greta e Alexandre (ou Sergio e um primo?) escondem tudo num espaço subterrâneo sob a casa de Paulo, que preparam aos poucos quando os Queimadores de Livros dos *Cou-Clib-Clans* se tornar mais ativo.

Os lobbies dos poderes financeiros lançam com sucesso a sua contra-reforma contra a escola de universal disponibilização de todo o conhecimento e de toda a ciência. Eles influenciam e escolham cada vez mais fantoches para serem os líderes estatais subservientes por meio de uma rede de comunicação social agora inteiramente dependente de financiamento privado. Líderes de opinião atentos e cuidadosamente selecionados exploram habilmente a intimidação e a mistificação.
Aqueles que ascenderam há pouco tempo na escala social acumulando algum capital ganhando um valor mais alto na

escala Bloomberg (uma escala logarítmica inventada pelo analista Bloomberg no hectano 120, que atribui às pessoas um número de valor de -2 a 11, dependendo da sua riqueza pessoal) querem a todo custo impedir que outros façam o mesmo. Os mais ricos, é claro, sabem que a sua hegemonia se baseia no endividamento e no empobrecimento do resto da população.
Muitos analistas, incluindo as irmãs Demeester, previram como o Poder iria *esmagar* a classe média. Como resultado, os ricos tornam-se muito ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Mas há outras consequências. A concentração dos pobres em grandes centros urbanos e o medo constante da classe privilegiada resultam em separações em distritos e em guetização. Na década de 60 as aglomerações urbanas transformaram-se em Megapoleis. A agressividade latente tornou-se uma constante guerra de guerrilha urbana. Megapple (uma área muito vasta que abrangia entre outras, as antigas cidades de Nova Iorque e Boston) é talvez o exemplo mais famoso na memória coletiva devido à sua agressividade sem precedentes.
A nossa história, nesta fase, decorre principalmente em Megaludein, Megalissipo e Megabelgium.

Steven Bird morre em 120.71 HE. A partir desse momento, há inúmeras referências à reorganização em curso de grandes aglomerações e Poleis com fronteiras fortificadas. Essas rápidas reorganizações são obra da restrita nomenclatura que detém 95% da riqueza total do planeta e está gradualmente a perceber que criou uma situação explosiva.
Intelectuais e académicos consultados reagrupam-se geralmente

em torno de três linhas específicas de pensamento:

- A concentração da riqueza é essencial para manter o consumo baseado no crédito. Também beneficia os pobres, em geral. O trabalho filantrópico financeiro de fundações privadas promove essa visão, razão pela qual essas fundações deveriam receber mais atenção pública (sociedade económica capitalista de tipo 1);
- A concentração de riqueza é uma catástrofe para o planeta. Para manter a economia de mercado a funcionar, é necessário desenvolver projetos que se baseiem no Rendimento Básico Garantido. Isso reduz a agressão local e global e proporciona a todos uma melhor possibilidade de sobrevivência. A disparidade de rendimento deve persistir para manter a ilusão de mobilidade. (sociedade económica moderado bregmaniana de tipo 2);
- O problema é o dinheiro. Um mundo pluralista e equitativo com uso comum de bens é impossível enquanto continua a circular dinheiro. A população global está obcecada em colecionar valores abstratos expressos em cifras e números. Isso tem o efeito colateral de extremar as relações até níveis absurdos entre opressor e oprimido. Para os pobres significa o retorno à condição de servos ou escravos. As propostas de Bregman só são úteis se fazem evoluir a sociedade para uma sociedade sem dinheiro (sociedade convivial illichiano de tipo 3).

Sociólogos e economistas trabalharam em conjunto utilizando análises sociológicas ignarométricas para desenvolver diversos cenários a partir dessas três sociedades base. Joana e Catherine são regularmente convidadas a participar. Elas trabalham para

várias universidades independentes, ainda em funcionamento. Recebem um doutoramento *honoris causa* para o modelo de análise sociológica ignarométrica. Em 120.71, eles publicam a matriz 95/121.
Sergio, neto de Catherine articula a matriz ignarométrica com a antropogogia institucional. Isso permite-lhe demonstrar por que a ênfase deve continuar a ser de um sistema de ensino público baseado na educação que sustenta o aprendente no seu projeto de aprendizagem. A jovem investigadora Inês Legendre é parceira nisso. Inês conhece Joana e Catherine por meio da investigação de Joana sobre comunicação. Inês acredita que a estrutura ignarométrica de Joana e Catherine pode ser útil para demonstrar como os próprios detentores do poder usam a desinformação e as teorias da conspiração para impor seu poder ao longo dos *séculos XX e XXI d.Chr.*.
Sergio e Inês tornar-se-ão parceiros para a vida.

Já há algum tempo, cientistas de renome mundial trabalham para o projecto *Elysium* sem perceber ou reconhecer as implicações no mundo real. Famílias ricas, juntamente com famílias ligeiramente menos ricas da sua escolha irão deixar o planeta Terra para viver num ambiente fechado e luxuoso no espaço. Ironicamente sabemos hoje como a rede ilusória bem desenhada da própria nomenclatura monetária narcisista levou a uma catástrofe económica sem precedentes, resultando inclusivamente no desaparecimento do dinheiro.

As Megapoleis são geralmente governadas por oligarquias políticas fantoche de pouca peso intelectual. A sua principal

missão é de manter a classe média ignorante e assim impedir de evoluir para a classe média alta se ainda não o fez. Redes e plataformas digitais são sistematicamente desmanteladas por motivos de segurança. O terço da população mundial sem acesso à rede digital em 120.70 HE nunca o terá. Quem já tinha acesso vê a velocidade de transmissão diminuir rapidamente. As conexões entre as diferentes Megapoleis são cada vez menos autorizadas.

A população transforma-se num um conjunto de pequenas comunidades presas no seu distrito. À arrogância que ***promove*** a ignorância dos outros é assim acrescida da arrogância que ***decorre*** da própria ignorância. Professores e aprendentes só se relacionam digitalmente na escola a distância e de instrução. Na zona administrativa de Megalissipo por exemplo todas as escolas presenciais estão fechadas por tempo indeterminado desde 120.69 HE. O ensino autorizado é à distância e não é obrigatório e a oferta passa apenas por instituições supervisionadas.
Em todas as Megapoleis a intolerância cresce. Essa intolerância é, ora discretamente, ora abertamente, incentivada contra académicos e intelectuais. A contra-informação de Bloomcamp (a comunidade de muito ricos, resguardado em condomínios privados e protegidos) baseia-se principalmente em teorias da conspiração e aponta o dedo acusatório para as bibliotecas. Indo contra a maré, Greta Campos e Alexandre N'Kondo transformam a Biblioteca Paulo Demeester num espaço público tendo com um ponto de encontro clandestino protegido. Eles estão fazê-lo para lidar com as ameaças cada vez mais frequentes. Têm *o Cemitério dos Livros Esquecidos* da velha Barcelona e dos grupos clandestinos

Zafonis como fonte de inspiração.

A divisão cada vez mais elitista entre a nomenclatura Bloomcamp que se concede direitos principescos e o resto da população faz com que intelectuais apostando na sociedade do tipo 3 criam para os seus filhos grupos de aprendizagem cooperativa semi-clandestina.
É nessa altura que nasce Fernanda Mestre. Fernanda e as outras crianças da família isolam-se com os pais e amigos nos estudos. Inês ajuda os quatro filhos principalmente com matemática e ciências. Os quatro rapidamente se juntam a outros grupos de aprendizagem cooperativa. Greta, Alexandre, Francisco, Sergio e Inês oferecem voluntariamente os seus conhecimentos a esses grupos. Como resultado, eles sentem-se cada vez mais à vontade no mundo das iniciativas semi-clandestinas baseadas na partilha plural de ideias.

Tanto os que detêm o poder quanto os que não o detêm desconfiam dessas e de outras famílias semelhantes, mostrando este tipo de comportamento. A desconfiança é mostrada cada vez mais abertamente. As constantes críticas às propostas dos intelectuais em geral e as persistentes práticas de oposição de Sérgio e Inês em particular resultam no afastamento de três de seus quatro filhos. Apenas Fernanda continua a apoiar os pais na luta contra a ignorância e a arrogância. Os dois filhos comportam-se com nítida hostilidade, enquanto a irmã gémea de Fernanda se mostra indiferente. Pouco se sabe sobre o trabalho final de Sérgio e Inês até o momento. Podemos ter alguma imagem parcial das suas ideias graças a dois breves

ensaios preservados em *Paraíso dos Livros* provavelmente salvo por Fernanda. Outra possibilidade é que um aluno de Sérgio ou Inês tenha re-escrito os textos depois de levar memorizados para *Paraíso* os originais.

Fernanda cresce num mundo hostil à ciência e aos intelectuais. A arrogância cada vez maior. A casta rica e poderosa só quer ouvir e ler sobre o que lhe é imediatamente útil e impede investigação sem benefícios imediatos para ela própria.
Entretanto acompanhamos a imparável ascensão na matemática de Fernanda Mestre, apesar da desconfiança existente contra a sua família e contra ela própria. O ramo da matemática que desenvolve quase sozinha revoluciona a maneira de lidar com os limites físicos impostos pelas leis acerca da deslocação da massa. Isso irá influenciar as viagens espaciais. Ela é tão brilhante que, aos 19 anos, é convidada a colaborar com um grupo de matemáticos que estão tentar a compreender o movimento ultra-rápido descrita pela física clássica para curtas distâncias e pela física quântica para longas distâncias.
Fernanda ganha a Medalha Fields aos 25 anos, consolidando assim um lugar como autoridade no mundo da matemática.

O projeto *Elysium* entrou definitivamente na mente dos multimilionários. A continuada falta de medicamentos para travar sucessivas ondas mortes causadas por vírus e bactérias virulentos acelera o processo. Os valores 10 e 11 da escala de Bloomberg com os seus desejos fervoroso pela vida eterna têm medo. Eles convidam outros indivíduos ricos para se juntar ao projeto. Este é, portanto, o último grande projeto da Contra-

reforma baseado em contra-informação sistemática da imprensa e totalmente controlada pelos magnatas do dinheiro.

No fim deste livre acompanhamos as tentativas de Greta (ou Sergio?) Para proteger a Biblioteca Paulo Demeester dos ataques cada vez mais drásticos de indivíduos ignorantes em clãs anti-culturais e queimadores de livros que os oligarcas ajudam a organiza e financiam discretamente. Estamos, é claro, nos referindo a grupos locais das então temíveis *Cou-Clib-Clans* que apareceram em todas as Megapoleis e queimaram arquivos e bibliotecas inteiros.

11 - O Paraíso dos Livros

Quatro anos depois de receber a Medalha Fields, Fernanda Mestre e com 29 anos está finalmente convencida de que o seu trabalho serve principalmente os interesses de *Elysium*.
O seu encontro com Victor Hunt III será decisivo para o seu próximo movimento. (*Para uma biografia completa de Victor Hunt e informações detalhadas sobre os Ganimedios sugerimos a leitura de James Patrick Hogan. A nossa saga centra-se nos encontros com um possível neto e bisneto de Victor Hunt)*. A renomada comunidade tem quem explica que apesar da concentração de cientistas dedicados à construção de *Elysium* para os mais ricos, o planeta Terra oferece outros lugares interessantes para intelectuais. Esses lugares são tão bem protegidos da ignorância arrogante dos ricos e pobres que aqueles que vivem nas Megapoleis têm dificuldade em obter informações sobre eles. No entanto um número crescente de

humanistas pluralistas decide deixar as Megapoleis. Quase só mantêm contato com quem se esconde nas bases lunares. Isso faz com que lugares como *Paraíso dos Livros* ficam longe da vista do *Cou-Clib-Clans* e o dos *Bloomcampers,* futuros *Elysianos*.
Fernanda renuncia aos benefícios e vantagens oferecidos aos académicos que trabalham para a nomenclatura e volta para Megalissipo para daí fugir.

A partir daí, acompanhamos as aventuras de Fernanda, do companheiro Gonçalo Lehrman e dos pais Sérgio e Inês. O desejo é de passar do mundo arrogante para o mundo pacífico. Eles querem alcançar *Paraíso dos Livros*. Através de uma rede de contactos aprendem como a maioria dos *Livros Vagantes* e *Guardiões de Documentos* da *Zona 1* e *Zona 2* estão ai escondidos. Uma vez lá re-gravam os textos e livros que têm com eles com equipamentos apenas locais que a comunidade utiliza sem estar em rede para não se denunciar.

Os dois filhos de Sérgio e Inês, que já se tinham distanciado das ideias dos pais, emigram do bairro luxuoso de Euro-Brussels. Nunca mais se encontram com os pais. Sérgio tem cada vez mais dificuldade em resistir aos esquemas de isolamento impostos por governantes cada vez mais arrogantes, determinados a impedir a livre circulação de ideias.
De volta em Megalissipo Fernanda cuida dos pais. Num primeiro tempo não consegue convencê-los de optar pelo exílio voluntário. Pede ajuda à avó Greta. Inês convence-se rapidamente mas Sérgio recusa-se a partir com o grupo apesar da sua idosa mãe Greta já ter decidido arriscar a aventura e se

juntar à família N'Kondo.
O resto da família mal saiu quando Sergio percebe que os controladores empregados pela nova Oligarquia de Megalissipo estão no seu encalço. Finalmente convencido do real perigo que corre também foge. Ele tem o apoio de membros da *GNet-Z*. Sergio permanece na terra de ninguém por bastante tempo. Anos depois dos outros, alcança *Paraíso dos Livros* em 121.06 HE para saber da morte da sua mãe. Conhece a neta Emmy, que já tem cinco anos. Sérgio e Inês passam o resto da sua vidas em *Paraíso dos Livros*.
Greta ainda viveu quatro anos em *Paraíso dos Livros*. Ela e a Inês Legendre prepararam a educação da bisneta Emmy. Ambas continuaram com a interação educacional que já tinham iniciado com Jacobus, irmão mais velho de Emmy.

Gradualmente *Paraíso* torna-se uma grande comunidade para o desenvolvimento de ciência não bélica. Somente a partir das 121.25 HE existe novamente uma ligação permanente com parte do mundo exterior recorrendo aos três satélites clandestinos de transmissão geridos pelos grupos *GNet-Z*. Esses satélites estão escondidos atrás dos satélites do projeto Bloomberg *Elysium*. A partir desse momento existem contatos mais fáceis e regulares com o locais semelhantes *Ultima Rosa del Decierto* em *Zona 3* e *Brilhante Pérola* num arquipélago entre a *Zona 2* e *Zona 5*.

Com o amplo círculo de amigos, Fernanda influencia a retomada de projetos educacionais baseados no diálogo à medida que o número de nascimentos aumenta em *Paraíso*. Ela

junta-se a um grupo de pais e cientistas que propõem incentivar as crianças nascidas em *Paraíso dos Livros* rumo a uma forma pluralista e empática de pensar e agir. Isso inclui grande conhecimento técnico e físico, sem perder de vista a prosa e a poesia. Este grupo está portanto a implementar duas ideias propostas pela comunidade: disponibilizar todo o conhecimento para todos e fazer uma simbiose entre memórias biológicas e electrónicas. Embora o antigo pensamento pansófico de Comenius contivesse muitas limitações dogmáticas quanto às origens do mundo e do cosmos, a proposta de tornar todo o conhecimento acessível a todos é um princípio importante para a sociedade pluralista. Por outro lado, não é possível um único ser humano possuir um conhecimento profundo de tudo. A ideia de cérebros auxiliares eletrónicos é uma condição, não um obstáculo, para um mundo pluralista.
Essa necessidade de uso e controle da robótica e da automação continuará a guiar Fernanda em suas contribuições ao trabalho de pesquisa.

Emmy Lehrman nasce em 121.01 em *Paraíso dos Livros* e, pertence portanto à primeira geração de crianças de *Paraíso.* Ela recebe ensino dos pais e dos pais de outras crianças que, assim como os seus, não equiparam a transmissão de conhecimento à receitas em livros. Como todos sabem pela história recente, Emmy desempenhou um papel crucial na organização das *Convivialis Civitas* no planeta desde a Refundição em 121.45 HE. Mais sobre isso mais no próximo livro.

Também damos atenção à uma versão atualizada da

interpretação social baseada na estrutura ignarométrica. Ela é da mão de Sergio Mestre e data de 121.27 HE. Posteriormente, é utilizada por Emmy e pelos grupos de reflexão nos quais ela participa. Atualizações adicionais ajudarão a unir ideias sobre sociedade e organização comunitária em *Paraíso dos Livros* bem como em *Ultima Rosa no Deserto* e em *Pérola Brilhante*.
Entretanto as *Convivialis Civitas* em crescimento entre 120.95 HE e 121.30 HE moldam cada vez mais *Paraíso¸ Última Rosa* e *Pérola* também no seu aspecto físico. As casas têm no máximo um andar e alinham-se em ruas bem organizadas para consumir pouca energia. A ideia básica das três comunidades é de reunir os *Livros Vagantes* e os *Guardiões de Documentos* em grupos lógicos. Não existe nenhuma obrigação de se estabelecer na zona de conhecimento correspondente ao seu conhecimento pessoal, mas os recém-chegados são incentivados a contactar os anteriores *Livros Vagantes* e *Guardiões* para partilhar experiências e saberes. Após 121.25 HE, todo o conhecimento, literatura e arte é preservado e colocado em várias suportes nos Três Lugares que continuam a proteger-se de *Cou-Clib-Clans* e de *Elysium*.

Em 121.20 HE Emmy Lehrman e Malcolm Auctor vão viver juntos. Malcolm faz parte do círculo sociológico Paulo Freire. A partir de 121.30 HE Emmy e Malcolm participam no desenvolvimento dum importante programa de apoio ao trabalho com Ignorantes.
Lev nasce em 121.27 HE. Durante esse período, Malcolm recebe informações sobre os Ignorantes que se aproximam de *Paraíso*. Sabemos que os primeiros contactos não foram sempre fáceis.

Anos de desinformação e o desaparecimento do ensino levaram à proliferação de novos mitos e pseudo-ciências. Como aconteceu anteriormente na história, o medo do desconhecido é mais uma vez subjugado com a ajuda de fadas, deuses e fórmulas mágicas.

Dois fenómenos naturais têm um grande impacto no que hoje chamamos a Refundição: um simples eclipse e uma excepcionalmente forte atividade tectónica e vulcânica.

Os astrónomos já esperavam há muito tempo o eclipse solar total na *Zona 2* em 7 Sedmomehns de 121.35 HE. Foi visível em 11 grandes distritos da velha Europa. O eclipse dá origem a todos os sintomas clássicos de ansiedade entre uma população ignorante e empobrecida. É também a causa indireta do declínio ainda maior de um sistema financeiro baseado em trocas comerciais e já severamente enfraquecido. Acumulam-se primeiro os objetos valiosos que permanecem na Terra para gradualmente desaparecer numa economia de escambo sem futuro.

Um ano e meio depois do eclipse inicia-se uma intensa atividade tectónica. Este tipo de actividade é esperado, mas, ao contrário de eclipses e meteoros, não é possível prever uma data precisa para a sua ocorrência. É combustível para os místicos que já pregavam o fim do mundo durante o eclipse.

Uma reação em cadeia de três erupções vulcânicas em duas trincheiras tectónicas causa o um inverno vulcânico com uma onda de frio repentina e prolongada acima e abaixo dos trópicos. A combinação de terremotos e a queda de grandes quantidades de cinzas vulcânicas alterará até mesmo ligeiramente a fisionomia de parte do Hemisfério Norte.

Os místicos ignorantes afirmam que chegou o início previsto da *Nova Pangea* com uma importante senão total extinção da espécie humana esquecendo que estão adiantados cerca de 250 milhões de anos…

Em 121.39 HE fica claro que o inverno vulcânico enfrentado pelo planeta pode forçar a grandes migrações temporárias. O planeta parece estar a passar por um período escuro comparável à explosão de Toba, há 75.000 anos. Novos *Convivialis Civitas* são previstos nos trópicos – mais próximos dos Três Lugares mas também fora da Terra. *Elysium* mantém os seus portões firmemente fechados, é claro. As cinco bases na Lua prepararam-se. As famílias Auctor e Lector fazem parte de um grupo que se estabelece na Lua por pouco mais de cinco anos. Lev Auctor conta-nos como essas famílias viveram esse período às suas netas no livro 12.
Os Três Lugares e as bases lunares unem forças para transportar os Ignorantes aterrorizados e perturbados para zonas habitáveis, tanto no planeta quanto além dele. Emmy Lehrman e Malcolm Auctor fazem parte do grupo de apoio de antropogogos. Este grupo aprende ele também, por meio de interação dialógica e orientação, quais são as melhores formas de apoiar os Ignorantes com um renovado desejo de aprender.

Mas não é possível evitar que durante esse período difícil pouco mais da metade da população humana restante no mundo sucumbirá.

Este livro fala de Emmy Lehrman e do seu trabalho e pensamento para a concretização das C*onvivialis Civitas* como bem sabemos hoje.

Emmy e Malcolm regressam definitivamente à Terra em 121.45 HE depois de um tempo na Lua. A família tinha escolhido a Lua a conselho de Fernanda depois de uma série de terremotos e erupções vulcânicas em rápida sucessão que tornaram partes do planeta inabitáveis por um longo período.

Emmy é investigadora em comunidades de aprendizagem. Ela fez parte do grupo de *Recolha de Escolhas Individuais* (abreviado Rec**In**) do qual foi co-fundadora. O grupo formulou pela primeira vez o conceito do conhecido como *Projeto Dinâmico de Sociedade Coletiva*. A Rec**In** irá registrar tudo o que todos sentem e dizem, e isso por um longo período e em todos os *Convivialis Civitas* conhecidos.

A economia baseada em dinheiro desapareceu completamente e isso dá ao grupo de Rec**In** a possibilidade de extrair de todas as audiências uma proposta bem fundamentada para uma sociedade sem dinheiro. A partir de 121.54 HE a sustentabilidade deste projeto parece estar garantida após o desenvolvimento que lhe foi dado pelos grupos populacionais sobreviventes. Todo o projeto se torna ainda mais robusto quando qualquer conceito de segregação é rotulado como sem sentido. A experiência levada ao limite por *Elysium* de separar as pessoas em caixas contribui para isso. A cidade espacial é fisicamente desmantelada e os materiais

de construção disponíveis são readaptados para diversas naves espaciais que podem alcançar o sistema solar para uma viagem. Em seguida são convertidas em unidades habitacionais temporárias, em antecipação a um futuro Terraformação de longo alcance em Marte, Ganímedes e Europa.
Durante o Período da Refundição, Emmy trabalha com populações migrantes. Ela acompanha de perto seu filho Lev, que participa na orientação da próxima geração de quem migra para Marte e as luas de Júpiter.

A ausência de dinheiro e de *Elysium* promove rapidamente relacionamentos de mais convivencialidade tanto entre pessoas como entre comunidades. Por sua vez isso facilita ainda mais o uso cooperativo de bens. Após o desaparecimento dos especuladores de valor, principalmente do Hemisfério Norte, o valor de uso de um objeto ou de uma ideia torna-se mais importante do que seu valor simbólico como o era nos primórdios da história humana.
Preocupados em evitar erros do passado, sociólogos, economistas e psicólogos começam a trabalhar sobre um modelo de Bregman melhorado. Emmy contribuiu ativamente. No entanto, o modelo está de certa forma desatualizado antes de entrar em prática, pelo menos na altura, na Terra. O nosso modelo menos global, mas muito mais sustentável d*a Rede* de *Convivialis Civitas* beneficia-se da interação dialógica em vez da interação comercial.

Lev explica às suas netas como a *Organização Comum Plural* estabeleceu o Conselho Polipolis. Ele fala sobre a revisão *da aprendizagem apoiada das crianças* e dos seus projetos, mas

também sobre da *Educação para Representação Voluntária* e a forma como foi alcançado um acordo sobre a prestação de serviços mútuos. Estes e outros importantes instrumentos de gestão colectivo também chamados de princípios, têm a sua origem no que a *RecIn* reune a partir de desejos e escolhas das comunidades sobreviventes ao inverno vulcânico. O grupo da RecIn explicitou e agrupou propostas e enviou-as de volta às mesmas comunidades para discussão e para serem adoptadas, mantendo tudo sempre aberto a melhorias.

Não podemos deixar de apreciar a visão de Emmy se nos lembrarmos de como, há mais de cinquenta anos, ela alertou pelas potenciais ameaças decorrentes da partida voluntária de *Elysianos* que procuravam romper com as comunidades terrestres. O contato recente com a população emigrada para Marte confirma que toda a cautela é necessária.

Apreciamos a ponderação de Emmy na forma como propostas chegadas a *RecIn* para garantir a sustentabilidade da ética cosmopolita e da empatia passaram a caracterizar as nossas comunidades hoje. Não se trata mais de diretrizes de compaixão como nas antigas religiões, mas de regras éticas e códigos de conduta empáticas e plurais. Nesse contexto, a ostentação de riqueza é hoje na Terra considerada uma grosseira forma de irreflexão. Afinal, excessos de poder estavam frequentemente diretamente ligados a essa atitude, às vezes compulsivamente.

Desde o início da Refundição e ao longo dos trinta anos seguintes, Emmy não apenas orientou grupos de trabalho em *Convivialis Civitas* e grupos de produção locais, como também participou ativamente em muito deles. Ela contribuiu para o

desenvolvimento de modelos de equilíbrio entre a produção artesanal e a construção de objetos altamente complexos, que frequentemente exigiam estudos especializados e aprofundados. É em parte graças a esse esforço coletivo que qualquer projeto pode ser considerado, desde que haja um grupo de pessoas interessadas e um grupo com capacidade técnica para o executar. O princípio de ética geral exige uma avaliação de impacto preliminar para cada projeto. Essa avaliação visa determinar se o projeto pode prejudicar outros desinteressados ou simplesmente não envolvidos no mesmo projecto.

Hoje conhecemos bem as vantagens da maneira como procedemos na constituição de uma comissão. Os *Convivialis Civitas* através do Conselho Polipolis facilitam a constituição *ad hoc*. Cada comissão está sempre aberta a qualquer pessoa que nela quer participar. A consolidação deste forma de pensar e agir é também o resultado da consolidação no qual Emmy Malcolm participaram como conta Lev ao introduzir semelhança no trabalho com crianças nos grupos de aprendizagem de base, onde convergem experiência, pesquisa e conhecimento.

É importante repetir que, após a Refundição, a população mundial se estabilizou em pouco mais de três bilhões de pessoas. Hoje, há uma aceitação cultural generalizada de que a destruição de ecossistemas devido à superpopulação e às doenças pandémicas resultantes dizimando certas regiões, foi uma espécie de alerta da natureza.

Juntamente com desaparecimento do desejo mórbido por poder e riqueza, o desejo mórbido pela vida eterna também desapareceu. Acreditamos que a espécie humana possui hoje

hoje uma maneira mais saudável de lidar com o ciclo da vida coletiva e a inerente linha de vida individual e morte.
Lev Auctor faz parte da comissão que discutiu com os embaixadores de *Elysium*. Os *Elysianos* que continuam a se fixar no dinheiro e o poder hierárquico que advém dele percebem hoje que eles próprios minaram o sistema quando, após quase cinquenta hectanos, se tornaram donos absolutos do padrão de valor simbólico, o dinheiro, introduzido em algum momento durante no hectano 70.
Sem fazer juízos de valor, Lev relata às netas alguns episódios daquele período. Houve desafios biológicos e técnicos para facilitar o reajustamento biológico dos *Elysianos* que desejavam retornar à Terra para se juntar a uma comunidade. Isso foi possível graças a uma longa estadia na Lua. Ele também fornece mais detalhes sobre a assistência oferecida àqueles que desejavam seguir para Marte e as luas de Júpiter.
Indivíduos mais aventureiros, assim como alguns perturbadores incorrigíveis, começaram a considerar a exploração espacial, especialmente depois da matemática da geração de Fernanda e das descobertas agora trazidas por Victor Hunt Junior e seus associados talvez tornarem possível a viagem aos grupos locais mais próximos de nossa galáxia dentro do tempo de uma vida humana.

Alberto nasceu em 121.53 HE e é três anos mais novo que a irmã. Desde a infância, os projetos de aprendizagem das crianças têm sido apoiados pela interação dialógica com outras pessoas, com outros recursos sempre acessíveis por meio do contato físico ou eletrónico com bancos de dados e repositórios

de conhecimento.
A comunidade de aprendizagem é um espaço de socialização, uma escola de aprendizagem para pares pluralistas e um centro de recursos para estimular a curiosidade das crianças entre si. A educação e o ensino de Alberto são outra materialização das propostas decorrentes da *Rec**In***. Cosmopolitismo e ética baseada na empatia são duas das características mais importantes.
A juventude de Alberto passa-se no período em que Bibliopolis floresce na região central *Alkebulan*. Os leitores de sua geração reviverão certamente com ele as suas próprias infâncias, quando eram guiados por educadores adultos, apoiantes de aprendentes.

Em 121.90 HE Lev completa 63 anos. Nesse ano, Alberto confirma a descoberta da casa onde Greta Campos organizou a biblioteca do avô. Provavelmente ficou soterrada sob os escombros resultantes do grande terremoto ibérico no sul de *Zona 2* em 121.39 HE. Cem anos após a biblioteca ter sido escondida e 51 anos após os terremotos que deram início ao Inverno Vulcânico, um arqueólogo cultural descobre acidentalmente o sítio.
É claro que é impossível não parar um momento para refletir sobre a história que Alberto conta tantas vezes e com tanta emoção à família: a viagem às ruínas da antiga Megalissipo, os vestígios da segunda dinastia que ele re-descobriu na biblioteca organizada e escondida por Greta Campos.
O livro termina com a morte de Emmy Lehrman.

Começando pelo fim. A segunda parte deste livro funciona como uma espécie de epílogo. As bibliotecas voltam a desempenhar um papel importante na vida das pessoas. Alberto examina documentos de bibliotecas privadas anteriores à Refundição. Durante o período da arrogância da ignorância, da qual os Queimadores de Livros foram a expressão máxima, quase todas as bibliotecas públicas foram destruídas.

Como sabemos do livro anterior, Alberto Auctor soube da localização de uma biblioteca em Megalissipo em 121.89 HE . No ano seguinte, ele confirma que se trata de facto da biblioteca de Paulo Demeester, escondida em 120.90 HE. Nas duas décadas seguintes, Lev, Alberto e outros interessados investigam a descoberta. Eles solicitam e elaboram o *Espaço Catherine e Joana Demeester (EJCD)* na Biblioteca Central. Por sugestão de Maria e amigos, Alberto então contribui para a saga.

No momento da escrita da saga, Bibliopolis, Culturopolis, Perolapolis e Arqueopolis são a memória histórica do planeta, mas a sua disseminação para as outros *Convivialis Civitas* está em curso. Qualquer pessoa, em qualquer lugar e interessada em qualquer coisa, tem acesso digital a tudo o que existe, e qualquer pessoa pode solicitar ou produzir uma edição fac-símile de qualquer documento ou artefacto. Os quatro *Polisses* tornaram acessíveis todo o conhecimento e ciência e querem manter-se acessíveis a todos. Aqui, como em todo o planeta, o desejo de criar superou o desejo de ganhar dinheiro. Voltamos a sublinha-lo. O simples facto de a moeda ter desaparecido tornou

o conhecimento e a ciência acessíveis a todos, assim que seja quem for demonstra interesse por um determinado assunto. Pela mesma razão, minerais e matérias-primas só são úteis para aqueles que desenvolvem projetos que os exigem, desde que esses projetos não causem inconvenientes a quem não se interessa para eles.

Os moradores de Bibliopolis consideram-se uma comunidade de pesquisadores. Cada mensagem, cada descoberta, cada conversa de rua sobre qualquer tema é imediatamente contextualizada para determinar com precisão quem está a falar. Os moradores são incentivados a manter uma pequena biografia pública. Isso ajuda a determinar a profundidade com que alguém fala sobre um tema específico. Assim, a co-autoria tornou-se uma prática natural e comum. *Revisão por pares* nunca foi tão popular como hoje. E *Par* significa simplesmente ser capaz de demonstrar que se estudou a fundo o assunto em discussão e que se aceita o princípio de falsificação de Popper. Com o desaparecimento dos interesses financeiros, a tentação de disputar a autoria também desapareceu.

Os moradores de Bibliopolis estão satisfeitos em ver como, no atual hectano, essa forma de pensar a pesquisa científica está gradualmente a alargar-se a outras comunidades. Isso abre caminho para o aumento da co-autoria com pessoas de outras partes do mundo.

A crescente importância da Arqueopolis também é notável. No caso específico do *Espaço Joana e Catherine Demeester* abriu-se recentemente um canal de comunicação permanente com a seção arqueológica sobre *Erebúm Sul*.

A ignarometria sociológica e a antropogogia institucional teorizam como as pessoas interagem, como vêem de maneiras diferentes os objetos, as atitudes e as práticas humanas. No final do hectano 121 essa teorização tem consequências importantes para o conceito de sustentabilidade.

Hoje em dia, é bastante comum encarar uma viagem em função de alguma atividade ou pesquisa. Viajar não é mais uma forma de fuga da realidade pois não existe realidade da qual alguém se sinta compelido a fugir.

A jornada de Liberty a Marte é um excelente exemplo. O projeto centrou-se sobre comunicação em ambientes potencialmente hostis. Liberty interessa-se pela comunicação entre seres vivos. Ela trabalha nas áreas de etologia e inteligência electrónica. Ela estudou comunicação de longa distância, como a usada por mamíferos marinhos que escaparam de ataques humanos ao planeta. Ela também pesquisa a importância do regionalismo na linguagem humana.

Liberty reviu algumas ideias revolucionárias sobre ondas e transporte de energia desde o hectano 120. Ela imagina a natureza não com base nos sentidos humanos mas na energia. O seu objetivo é demonstrar como somos limitados pela forma limitada como nossos cérebros desenvolvem imagens do cosmos. Isso poderia resultar em uma complexidade talvez desnecessária das ciências naturais e da matemática aplicada.

O ano 122.08 HE é extensivamente apresentado no prólogo da mão de Alberto. Catherine despede-se do seu primo Wolfgang, que embarca numa missão às luas de Júpiter. A área de trabalho escolhida por Catherine é colectar e compilar dados, textos e

conteúdo para aqueles que buscam informações sobre um tópico específico. Isso fez dela alguém que consegue analisar facilmente a realidade conforme ela é vivida por aqueles que a descrevem.
Na última parte deste último livro, Catherine mantém um diálogo contínuo com muitos colegas da polis que procuram ajuda na junção de campos de pesquisa, às vezes muito diferentes entrando ela em contacto com interessados neles.

Alberto Auctor faz alguma previsão do futuro quando observa que algures no hectano 123 poderá chegar uma nova fase em que será necessário dar à literatura e à ciência uma protecção diferente contra um tipo diferente de *Cou-Clib-Clans*.
É verdade que as pessoas às vezes discutem as dificuldades da distância e um desenvolvimento potencialmente perigoso em Marte. Tanto os habitantes marcianos quanto os Ganímedianos precisariam de pelo menos duas gerações para se adaptarem biologicamente à vida na Terra, tornando um retorno ou "tomado de posse" repentino improvável. Por outro lado, mesmo os grupos que preferem permanecer isolados mantêm contato regular com psicólogos e sociólogos ansiosos para colaborar na compreensão das forças motrizes que quase levaram a humanidade à extinção no final da era Gregoriana.

O livro e a saga concluem com alguns comentários finais de Liberty e Catherine, baseados na análise do seu pai. A suas ideias relacionam-se com a discussão sobre os descendentes de *Elysium*. Até que ponto pode quem vive numa rede terrestre de *Convivialis Civitas* manter um diálogo saudável e não destrutivo com aqueles que amam o poder e o dinheiro?

Notas sobre as capas dos livros

Quando, de repente, percebemos que era possível enviar os nossos livros de volta ao Hectano 120 (século XXI), duas coisas aconteceram. Esperávamos a primeira; não podíamos prever a segunda.

A leitura da saga por qualquer pessoa que o deseje, não tem qualquer influência na evolução da presença humana na Terra. Assim, o mundo evoluiu como o descrevemos, e a população de facto caiu para pouco mais de 3 bilhões de pessoas no hectano 122. *Elysium* foi construída no final do hectano 120, os ricos deixaram a Terra e, enquanto escrevemos isto, ainda não há sinal de retorno do dinheiro à Terra. O que ficou conhecido como escolaridade obrigatória desapareceu dois séculos após a sua criação, e n*a Rede* os antropogogos assumiram então a liderança do acompanhamento do grande desejo de aprender, tanto de crianças quanto de adultos.

Ficámos encantados em conseguir dar aos leitores de uma época passada um cheirinho do que está por vir. Ficámos agradavelmente surpreendidos ao encontrar o site de um certo Pascal Paulus perdido em algum momento do hectano 120 que nos colocou prontamente os livros. O que não podíamos prever era que um amigo de Pascal se encarregaria de fornecer uma capa para cada livro. Era algo que nós não tínhamos pensado fazer, talvez porque o retorno do papel impresso ainda é muito novo para nós quando se trata de escrita sem ilustrações. Estamos apenas a começar a apreciar a importância de uma boa capa, que serve como uma espécie de resumo do livro.

Ficamos, portanto, muito entusiasmados quando redescobrimos as capas que havia naquele site há muito extinto, agora nas ruínas da casa de Paulo Demeester em Megalissipo.
Além disso, graças às anotações de Francisco N'Kondo, tivemos acesso a correspondência na qual Frank Nuyts, o tal amigo, fornecia uma breve descrição de cada capa. Lembramos que, enquanto músico e compositor ele foi uma fonte de inspiração para Francisco. Abaixo, reproduzimos a explicação do artista na primeira pessoa. Pode ser útil para quem pensa em desenhar capas neste período de retorno do papel impresso.

Maria Liber
Bibliopolis 122.25

Da fonte

Procurei especificamente uma fonte que fosse um pouco futurista (porque afinal tudo é reunido num futuro distante para nós...). Além disso, as letras não estão completamente formadas. Porque compilar História a partir de arquivos e documentos disponíveis é sempre… *incompleto*. Sempre há falhas no argumento. Com outras palavras, é sempre uma história. Com pequenas e grandes omissões, certo?

Pequeno Guia

A capa do Pequeno Guia. Eu penso que fica imediatamente claro. Relógios de todas as Eras um nada 'futurista' que marcam as horas nos planetas e até nas luas de Júpiter?
Usei deliberadamente lápis de cor para criar uma imagem de *trabalho em andamento*. Para sugerir uma certa atmosfera. Estou muito feliz com a minha borracha desenhada. É muito realista,

não é?
Também escolhi conscientemente mostrar o *trabalho inacabado* e desenhei uma cópia que não é uma das últimas matrizes ignarométricas: até o Guia ainda está a investigar. Não presumimos que tudo vai parar depois desse livro, não é?

Imprimatur

Baseei o trabalho num aspecto que me chamou imediatamente a atenção durante a leitura: reunir significa preparar comida colectivamente. É uma atitude que também adotamos em todas as nossas produções. Durante os ensaios com as bandas ou nas outras produções, sempre reservávamos um tempo para comer juntos. A única diferença era que éramos nós a tomar a iniciativa.
Adicionei uma espécie de logotipo no desenho. Algo que representa o *estar juntos e conectados*. No caso deste grupo de autores, mesmo através do tempo e do espaço (afinal, eles também viajam para as luas de alguns planetas). Não mencionei Marte. Já tive dificuldade em adicionar um tomate vermelho. Ou sabe-se lá, também podem imaginar que é uma maçã. Este logotipo é uma adaptação de algo que vi antes. E esse azul, claro, representa o nosso *pálido planeta azul e solitário* de Carl Sagan.
Claro que tinha que incluir livros, porque trata-se de histórias acerca da História.

Uma ideia perigosa.

Acho que fiz uma bela capa para o segundo livro. Talvez uma rápida explicação.
Uma fachada de Amsterdam do século XVII. Também poderia

ter sido Köthen, mas Comenius passou bastante tempo em Amsterdam.
Coloquei dois postes de rua unidos por uma corrente. A metáfora é clara: os próprios protagonistas deste livro dizem algumas vezes que se sentem *presos* neste sistema que funciona com escravos. Daí a corrente.
A macieira ainda está bem nua. Com apenas algumas folhas verdes. Uma única maçã está pendurada nela. Parece que está prestes a cair. Newton é frequentemente mencionado.
O menino parece disposto a aceitar a maçã. Mas a maçã e a cobra, é claro, também se referem a todas as religiões que os protagonistas encontram. E às forças religiosas que procuram impor a sua vontade nas escolas. O menino segura um pequeno livro com a letra C. Não havia espaço para *Orbis Pictus*. O menino não está sobre um tapete, mas sobre uma página em branco, uma referência a Locke e ao liberalismo radical que pressupõe que a humanidade é dona do planeta.
Depois a borboleta, que naturalmente se refere a Maria Sybilla. A metáfora da mutação de crisálida até borboleta também se aplica. É o tema subjacente de toda a saga diz respeito ao desenvolvimento infantil. Quase se consegue reconhecer o logotipo na fachada.

Publicações fora de controle

O *Nobre* apanha tudo neste desenho com o seu olhar. Ele parece possuir o mundo inteiro. E olha especialmente para *as Américas* num globo do século XVIII.
O navio à esquerda poderia ter navegado com a *Oostendse Compagnie*. Exibe as cores de Oostende e o logotipo da série.

Diametralmente oposto ao *Nobre* está o escravo (também uma metáfora) que parece estar a olhar para um monte de trabalho.
Ao lado dele, separado pelos sacos de juta contendo café ou chá, está a *salonnière*. Em oposição ao *Nobre* olha para fora do quadro. Claro que ela só fica deitada no seu lindo sofá porque ela também explora o *selvagem*. Aliás, também ela vira-lhe as costas. Aos pés da cama, encontra-se a Enciclopédia com pequenos quadrados azuis na capa (uma metáfora para janelas para o mundo?), e à sua frente, duas cafeteiras típicas do século XVIII.

O privilégio de saber

Este livro tem uma orientação mais política. José II - hoje e desde o filme Amadeus todo mundo lembra-se dele quando ouvimos o nome Mozart - e Robespierre que era claramente uma personalidade mais complexa do que eu pensava.
Escolhi duas figuras para quem o 'Iluminismo' foi muito importante, já que o livro também trata de Conhecimento. Ambos são reformadores, especialmente no que diz respeito à influência da Igreja. Ambos morreram no século XVIII. Um de forma mais dramática que o outro, razão pela qual a gravata de Robespierre fica algo vermelha. Eles entreolham-se embora historicamente isso não tenha acontecido. Mas entre eles está a árvore da liberdade da revolução. Todo o livro gira em torno de pequenas e grandes revoluções. Revoluções que ocorrem principalmente por causa da provocação em torno de reformas que fez com que os proprietários se sentissem ameaçados, empurrando assim as massas ignorantes para opiniões que não as beneficiavam sequer.
Uma árvore da liberdade do género era acompanhada de

celebrações e danças. Mas abaixo, desenhei uma miúda desamparada com as mãos numa cesta. Não se sabe o que faz mas ela dá a impressão de trabalhar e estar infeliz. É certamente não ensinado no conhecimento que poderia ajudá-la a escapar de sua situação precária. Dançar pode criar contentamento, mas também possa fazer com que os dançarinos ignorantes aceitem alegremente a sua pobreza. Afinal, esse era o lema de alguns dos *pedagogos* naqueles tempos. Aquela cabeça de peixe decepada se refere aos investimentos da dinastia no transporte marítimo, é claro. Mas também ao facto de que os pobres devem se contentar com pouco. Outras coisas referem ao livro. O desenho inteiro é um tanto mais *amarelado* do que o anterior. Pode ser por causa da erupção daquele vulcão na Islândia, mas aqueles vapores sulfúreos também são uma metáfora para a neblina sobre todas as (futuras) áreas industriais. O balão Montgolfier é supostamente a causa. Essa é uma explicação rebuscada para a névoa amarela e nauseante mas também representa a visão de um ponto de vista mais elevado. Talvez a humanidade agora possa transcender o seu destino. Daí o farol. Não apenas uma referência a Oostende, mas também uma iluminação 'superior', no sentido literal.

Os escravos do poder

Acorrentei Pio VII à sua fé por restabelecer (parcialmente?) a Inquisição, embora ele quisesse abolir a escravatura. O mesmo se aplica ao Código Civil de Napoleão: *liberdade* sim, mas os escravos permanecem

Moresnet e *Vieille Montagne*.

A vara da escola de Lancaster com os presentes de Fröbel no

meio…
Metáforas claras, eu acho.

A Escola dos burgueses iluminados

Esta capa deu-me mais trabalho, mas acho que ficou linda. A prancha de leitura neerlandesa-flamenga é claramente um elemento importante neste livro, pensei.
Aap, noot, mies… (*macaco* ou *mono, noz, mies*…) Comecei a ler com essas palavras e também havia livros com os animais na *vala*. Quando é que ainda se ouve falar dos pequenos animais aquáticos na vala, hoje? Fiquei imediatamente cativado por aquelas imagens e, depois, pela própria escrita.
Macaco e Leo II, essa é fácil, claro. No casaco de Leo estão as bandeiras da Bélgica e do Estado Livre do Congo. Ele agora é descrito como o diabo na terra. Não sei exatamente quando isso começou, mas é comum encontrá-lo com esse título hoje em dia. Então, eu já o coloquei na fogueira. Não desenhei o barril original da prancha, mas uma caldeira de uma máquina a vapor, obrigatória do século XIX. Também poderia ter sido um comboio a vapor, foi um factor importante de desenvolvimento no nosso pequeno país. Mas a caldeira a vapor pareceu-me mais ameaçadora. Ao lado dela estava M**ie**s (o nome do gato) na prancha de leitura; eu a transformei em W**ie**l, uma roda com pneus de borracha. Dá para ver a colheita da borracha por trás do próprio Leo.
À esquerda do inferno, porque era para lá que ele deveria ir, na opinião de muitas pessoas, está Darwin. Acima dele está o macaco; não preciso explicar essa conexão. Desenhei tentilhões ao lado dele, porque estes foram de facto um ponto de partida

para o seu livro sobre as *origens*. À direita do inferno, desenhei outra pessoa desenhada para muitos no que é o seu lugar. Marx com um porquinho mealheiro acumulando capital. Darwin e Marx são, portanto, os Teun e Gijs metamorfoseados daquela prancha de leitura.

Tempos de Chumbo

Aqui está o número sete. Inspirei-me um pouco no estilo do Labisse na antiga livraria Corman para retratar as personagens.
O Rei Alberto se saiu bem.
Realmente senti que Francisco Ferrer tinha que estar lá.
Ao lado dele está uma personagem fictícia, ou talvez histórica, Lucien Souris. Adicionei um rato para esclarecer quem ele pode ser. Labisse faz algo semelhante numa das suas pinturas.
Lenin faz parte e tem um escaravelho-da-batata vermelho no seu ombro.
Ao seu lado está o incrível Célestin Freinet. Com um sorriso. A primeiro pessoa numa de capa a sorrir realmente.
E ao lado dele Einstein.
As relações com a matriz ignarométrica são claras, acho eu. O primeiro quarto do século XX no topo. Albert e Lucien nas trincheiras. Francisco assassinado. Abaixo de Albert, outro líder. Abaixo de Lucien, outro engenheiro/cientista. Entre eles, os reformadores da escola. E então, na diagonal: rainha Elisabeth tocou violino com Einstein, e na outra diagonal o 1º de Maio desempenha um papel importante.
É deliberadamente desenhado num estilo ligeiramente diferente. O século XX aborda a representação de outra forma.
E depois há os ratos nas trincheiras, bem no meio do campo. E o

escaravelho-da-batata também está nos campos, mas são as crianças que são enviados para lá para os tirar das plantas.

A Masse medíocre

Esta capa pode surpreender um pouco. Mas eu já disse que quero respeitar os aspectos artísticos do período retratado nas capas. Estava a pensar naquele desenho de Vasarely da zebra.
E como o livro fala da Checoslováquia a certa altura ocorreu-me de repente a ideia de fundir o logotipo da FIMEM com um globo de Vasarely. Mas virei o logotipo educacional de cabeça para baixo. Porque, quando se trata de ensino as crianças nas partes mais ao sul do nosso planeta ainda sofrem frequentemente as consequências de viver lá. Talvez o ensino só funcione bem no extremo norte e em lugares onde antropogogos têm trabalhado.
As demonstrações contra os mísseis de meados dos anos 80 não poderiam ficar de fora, é claro, e eu quis muito incluir algo de Masereel no desenho quando pensei em John, que foi secretário da associação de mesmo nome. Depois de uma longa busca, encontrei uma xilogravura dele na qual ele também se refere às armas como lixo.

A Era dos Aprendentes

Neste desenho, tentei novamente juntar muitos dos temas do livro. Na parte inferior está o que agora domina completamente a nossa sociedade. O LOGO serve como um pequeno e lento ponto de partida para o que agora culmina na IA. No topo, porém, coloquei os elementos que se tornarão muito mais importantes a longo prazo e que também estarão sob ataque da IA: as interações sociais. Reconhecemos a tocha da Voz do

Operário. Aliás, o logotipo completo da instituição também representa um globo.
Mas optei por Marte. Com uma Greta Thunberg literalmente verde e um tanto mais idosa como metáfora para a terraformação. E, claro, a importância primordial da nossa vigilância em relação ao capitalismo descontrolado e de curto prazo está no topo. O amigo piloto do livro voa para a Lua, não para Marte. É por isso que faço uma alusão ao filme de Méliès *Voyage dans la Lune*. Uma das cenas mais conhecidas desse filme é a lua a receber um foguete no olho. No canto superior direito está o papagaio de papel do cantor de baladas de Gent, Walter de Buck, com o dinheiro do qual ele queria se livrar, amarrado na cauda. Dinheiro que *flui* para a única coisa que parece importar hoje: IA.
Os elementos do desenho não são *originais* Nuyts. Eles também são uma metáfora visual para todas as obras e livros que sustentam a saga.

Arrogância & Ignorância

Uma criança-soldado ameaça-nos com uma arma futurista grande demais, dando a impressão de ser uma arma de brinquedo. Mas o que acontece a sua volta claramente não é brincadeira de criança. Um satélite está a ser destruído e uma cerca a volta do condomínio indica claramente: '*Isto é nosso e tu não entras aqui*'.
Radares, torres de transmissão e muros coloridos evocam os Adobes dos recintos na Califórnia, onde os mais ricos já se escondem. E um robô, claro, num mundo excessivamente tecnológico. Mas o robô também se revela um lança-chamas

móvel. Porque isso é o mais impressionante, claro: o auto-de-fé… do ignorante manipulado sobre o qual também lerei no próximo livro, tenho certeza.
E o pior para mim é a criança armada pisando os livros. No século XVII, as crianças ainda eram descritas como tábuas rasas. Hoje, um sistema escolar controlado leva a demonizar a ciência. A introdução à palavra escrita pelo qual tantos lutaram tanto e sacrificaram as suas vidas desaparece bem como o contexto em torno dela. É-lhes negado pelos ricos, literalmente torpedeando as habilidades sociais e intelectuais das crianças.

O Paraíso dos Livros

A sociedade está em declínio.

Os Bloomcampers estão em declínio moral com os seus vírus, as suas apostas, as bombas, de certa maneira com todo o seu ser. Mas ecologicamente, a Terra como a conhecemos também está a desaparecer.
É por isso que escolhi um desenho um pouco mais urgente e, portanto, mais esquemático. Numa sociedade onde o desenho, a leitura, a aprendizagem e a empatia só podem florescer em alguns lugares, o desenho (a habilidade para, a não confundir com arte do) provavelmente também entre em *declínio*.
Vê-se que o *papel* esteve na água, ou foi meio queimado, em qualquer caso foi *danificado*. Lá em cima fica a lua cinzenta, com alguns pontos verdes das bases lunares, mas ainda assim não é um lugar para onde queres realmente emigrar. Embora neste livro quase tudo de bom venha de lá.
O próprio planeta Terra está a transformar-se num mundo semelhante à Lua. A mineração a céu aberto e a mineração

profunda o suficiente para penetrar na crosta terrestre, está a criar novos vulcões com consequências preocupantes.
Até a bomba atómica usam para o efeito. Mas ela também parece ameaçar a cidade ao lado da mina.
Os vírus no desenho lembram as decorações de Natal de uma criança, mas lemos que a população mundial diminuiu para o número referido no atlas do nosso ensino secundário…
Um poço primitivo. Queria desenhar um sistema de irrigação com 'portas' de terra, mas não consegui encaixá-lo no desenho geral: então, aqui está um poço simples e alguns recipientes com vegetais ou flores.

A Refundição do mundo

A Reconstrução do Mundo

De repente, vi o quadro completo.
Há menos imagens, mas tudo é um pouco mais metafórico!
A moldura preta representa o mundo mais limitado: (por enquanto) a vida só é possível entre os trópicos. O equador vermelho é uma metáfora para o Círculo de Fogo (embora orientado de forma diferente). Mantive o formato dos continentes tal como os conhecemos (desfoquei-os, podem não ser visíveis através do gelo) para deixar claro a quem não leu o livro que estamos... hum... ainda a lidar com o nosso bom e velho planeta. O branco, claro, representa as partes cobertas de neve do planeta. Vemos os homens que foram desenterrar livros em Megalissipo. Por enquanto, apenas os livros trazem alguma cor real ao mundo congelado/solidificado.
Sem referência a Europa, Ganímedes ou Marte. Penso que o último quarto desse livro dá uma clara pista do que vocês

próprios poderão desenterrar no futuro.

O Regresso do Papel

A capa mostra uma espécie de biblioteca. Uma espécie de Espaço JCD virtual, talvez?

A imagem virtual de Paulo (?) está sentada na poltrona virtual, e os três locais principais onde os humanos vivem parecem ser também uma espécie de irradiação, ou um holograma. A jovem da biblioteca veste roupas com as cores ligeiramente mais vivas das do antigo Portugal (onde se situavam Lisboa e, mais tarde, Megalissipo).

O teto é azul. Mas será mesmo um teto? Será um céu real? Mas, por outro lado, isto parece estranho. A chuva podia molhar os livros. Portanto, é mais provável que seja um céu artificial. É por isso que esta 'foto' até poderia ter sido tirada em Ganímedes.

Repare no logótipo na porta de vidro: as mãos entrelaçadas.

Tudo transpira uma certa tranquilidade. A geração mais jovem está, portanto, interessada no que veio antes. Nem tudo é meramente virtual. A atitude da mulher é um pouco: "Por onde começo?" Ou será que ela está apenas a tentar decifrar o código de cores dos livros?

Sem capas brancas ou pretas: a espécie humana em 2225 d.Chr. sabe que este tipo de atitude deve ser evitado a todo o custo. Mas também não se trata de um niilismo do século XVI ou VII do início do século XXI.

Índice de nomes e fontes

E pronto, estou desempregado no que diz respeito à saga. Mas acho que lhe criei um final lindo. Talvez ainda mais lindo para

‘velhos heterossexuais brancos’, mas vamos supor que a beleza seja universal…

Tem sido uma jornada alucinante. Algumas capas ficaram melhores que outras, mas não devo esperar mais: o tema forçou-me a desenhar muitas ‘*outras*’ coisas. Sempre consegui basear meu trabalho em material encontrado na internet; nada está finalizado, ‘*desenho de memória*’, mas a saga como ela foi escrita também é uma interpretação da realidade. Portanto, precisei pensar conceptualmente sobre os que ainda vem e que são história futura para nós. Talvez, para os dois últimos livros, eu também teve que me lançar no desconhecido e tentar encontrar uma resposta pictórica para o que está por vir.

Agora, sobre Beguinas e ciência. Tornar-se Beguina para estudar não foi algo que li nos livros de banda desenhada flamenga de *Jommeke*. Foi Maria Liber quem me esclareceu. Foi por isso que escolhi um traje e um visual anti-Beguina. Mas talvez a Begga real se sentisse assim e por isso teve que se esconder atrás dos muros... Talvez alguns entendam a piadinha da capa 14: uma Beguina de uma beleza estonteante. *Diferente das Beguinas de Jommeke, não é, senhor?* Leitores da nossa época e da nossa região teriam uma observação do género depois de ver esta capa. Mas, ao mesmo tempo, é também uma referência à reversão completa de um preconceito pessoal que *Uma Ideia Perigosa* ajustou em mim. Na verdade, recebi algum tipo de confirmação desse ajuste necessário. Mais mulheres se juntaram com elas, simplesmente para poder estudar…

Felizmente, pessoas do futuro deixaram-nos sagas escritas.

De Magister a Auctor. As Dinastias

Para facilitar um pouco, aqui vai uma breve nota sobre cada um dos membros das três dinastias. Até 121.00 HE (*2100 d.Chr.*) a data de nascimento e morte são registradas de acordo com o calendário gregoriano.

A primeira dinastia: de Magister a Lemaître
(116.30 - 119.05)

1. Wolfgang Magister

Nascimento: Köthen, 21 de junho de 1630 d.Chr.
Morte: Frankfurt, 30 de outubro de 1700 d.Chr.
Ocupação: Professor em Amsterdam, Flandres e Sacro Império Romano-Germánico.

Observação: O pai de Wolfgang foi aluno de Wolfgang Ratke, em Köthen em *1619 d.Chr.* O pai de Wolfgang já demonstrava interesse no trabalho de Comenius.
Wolfgang, de 20 anos, conhece Comenius em Amsterdam quando ele está trabalhando na obra *Orbis Pictus*. Estamos então nos anos *1655/56 d.Chr.*, logo após o fim da Guerra dos Trinta Anos que levou os Magister a fugir para Amsterdam.

2. Pieter Lesmeister

Nascimento: Amsterdam, 20 de julho de 1656
Morte: Köln, 12 de agosto de 1732
Ocupação: Professor particular e académico.

Observação: Pieter é filho de Wolfgang, mas muda o seu nome para Lesmeister, em parte para homenagear sua mãe e em parte

como uma espécie de concessão às ideias de Ratke e Comenius de usar a linguagem secular para a educação dos mais jovens, e não o latim.
Pieter muda-se de Frankfurt para Köln por motivos profissionais.

3. John Lesmeister

Nascimento: Köln, 8 de março de 1678
Morte: Oostende, 30 de outubro de 1749

Ocupação: Professor particular. Historiador. Filósofo da educação.

4. Dieudonné Lemaître

Nascimento: Gent, 28 de fevereiro de 1707
Morte: Lille, 6 de maio de 1784
Ocupação:professor ocasional. filósofo educacional.

Observação: A história de Dieudonné conta-se principalmente no terceiro Livro. A Guerra dos Sete Anos será um momento difícil para a família, que terá que sacrificar muito devido aos impostos de guerra do Rei.
A mudança de nome está relacionada à pronúncia do sobrenome Dieudonné em francês. Dieudonné simplesmente omite o 's'…

5. Jan (Yanne) Lemaître

Nascimento: Lille, 24 de janeiro de 1733
Morte: Oostende, 19 de junho de 1806
Ocupação: autodidata; professor particular em Oostende.

Observação: Jan vai morar em Oostende com sua família em

1765 d.Chr., dois anos após o fim da Guerra dos Sete Anos. O florescimento do porto franco de Oostende permitiu à família recuperar rendimento.

6. Jean Jacques Lemaître

Nascimento: Lille, 29 de fevereiro de 1760
Morte: Oostende, 28 de agosto de 1835
Ocupação: Filósofo, mestre-escola, tutor particular.

Observação: Jean-Jacques, que nasceu na França tem cinco anos quando os seus pais se estabelecem na sua nova vida em Oostende.

7. Lodewijk Lemaître

Nascimento: Brugge, 21 de maio de 1788
Morte: Brugge, 5 de junho de 1822
Ocupação: mestre particular.

Observação: Lodewijk Lemaître tinha grande admiração por Bach e certamente leu a obra de Pestalozzi. Ele influenciou a filha quando ela descobriu os escritos dele sob forma de diários.

8. Johanna Lemaître

Nascimento: Bruges, 10 de abril de 1817
Morte: Kelmis, 21 de julho de 1905
*Ocupação:*educadora e professora.
Observação: Johanna mora com seu parceiro Henri Teacher em Kelmis, Moresnet a partir de *1840 d.Chr.*.

A Segunda Dinastia. De Teacher a Demeester

(119,05 - 120,82)

9. Frederick Teacher

Nascimento:Em Kelmis, 17 de agosto de 1844
Morte: Kelmis, 26 de outubro de 1914
Ocupação: Professor e estudioso do Esperanto.

Observação: Frederick é filho de Johanna Lemaître e Henry Teacher. Ele frequenta círculos da Escola Nova e do movimento esperantista.

10. Jeanne Teacher

Nascimento: Kelmis, 5 de julho de 1875
Morte: Tienen, 28 de novembro de 1918
Ocupação: Professora e agricultora.

Observação: A família ainda mora em Kelmis quando Jeanne nasce em *1875 d.Chr.*. Jeanne aprende neerlandês (flamengo) e passa os últimos anos de sua vida em Tienen.

11. Luis Demeester

Nascimento: Tienen, 5 de abril de 1903
Morte: Gent, 17 de agosto de 1984
Ocupação: Professor e diretor de serviços na escola de formação de professores.

Observação: Tem um excelente relacionamento com Lucien Souris, pai da esposa do filho John.

12. John Demeester

Nascimento: Tienen, 8 de dezembro de 1929
Morte: Oostende, 30 de março de 2015
Ocupação: professor também atuante na educação de adultos.

Observação: Torna-se professor e é muito ativo na vida comunitária. Gradualmente torna-se agnóstico convicto, em grande parte como resultado da análise da relação de sua mãe com a igreja.
Os livros cercam-no por toda a vida, como é o caso de um de seus amigos próximos, que remodela a sua casa para comportar os livros.

13. Paulo Demeester

Nascimento: Oostende, 19 de outubro de 1957
Morte: Eurotúnel, 18 de fevereiro de 2040
Ocupação: professor, sociólogo educacional.

Observação: Paulo quase nunca se leva a sério, mas gosta que os outros o façam.
Paulo combate a ignorância daqueles que deliberadamente optam por não se informar, mas ainda assim querem formar opiniões sobre algo. Ele considera esses ignorantes preguiçosos perigosos. Talvez por isso sempre mencione o quão pouco sabe sobre algo antes de discuti-lo. Gosta de citar Jacquard e Eco. Paulo é leitor compulsivo, mas bastante superficial.
Gosta de saber o que se passa na cabeça dos outros.

14. Joana Demeester

Nascimento: Lisboa, 29 de janeiro de 1989

Morte: Megalissipo, 5 de agosto de 2082
Ocupação: Psicóloga e pesquisadora na área de comunicação.

Observação: Juntamente com a irmã Joana é fundadora da análise ignarométrica. Os filhos de Joana e o seu parceiro Daniel tornam-se artistas de renome no mundo da música e da literatura.

A Terceira Dinastia: De Campos a Auctor

(Começa em 120.82)

15. Greta Campos

Nascimento: Lisboa, April 25, 2019
Morte: Paraíso dos livros, 10 Dwiterodekmomehns 121.05
Ocupação: Formação básico para educadores e historiadores educacionais.

Observação: Greta é filha de Catherine Demeester e sobrinha de Joana Demeester. Ela nasceu no *século XX d.Chr.* numa data simbólica para muitos Portugueses, mas num momento muito turbulento, em que a democracia civil parece estar a chegar ao fim em quase todo o mundo.

16. Sergio Mestre

Nascimento: Londres, 13 de setembro de 2045
Morte: *Paraíso dos livros*, 6 Dekmomehns 121.33
Ocupação: sociólogo e pesquisador.

Observação: Sergio nasce em *2045 d.Chr.* O nome lembra os de Sergio Niza e António Sergio.
Os primeiros anos foram marcados por uma rápida sucessão de

situações de crise devido a bactérias e vírus multiresistentes.

17. Fernanda Mestre

Nascimento: Megalissipo, 11 de abril de 2070
Morte: Bibliopolis, 26 Tritiomehns 121.65
Ocupação: matemática e investigadora.

Observação: Fernanda é filha de Sergio e recebeu esse nome em homenagem ao interesse de Sergio pela pedagogia institucional, cujo centenário é comemorado em *2058 d.Chr.*.

18. Emmy Lehrman

Nascimento: Paraíso dos Livros, 1 Phromehns 121.01
Morte: Bibliopolis, 10 Dekmomehns 121.92
Ocupação: professora e pesquisadora em comunicação de aprendizagem.

Observação: Emmy, filha de Fernanda, nasce em *Paraíso dos Livros*, para onde mãe fugiu depois de suspender a colaboração involuntária com os construtores de *Elysium*.

19. Lev Auctor

Nascimento: Paraíso dos Livros, 16 Sedmomehns 121.27
Morte: Bibliopolis, 28 Phrydekmomehns 122.17
Ocupação: Arquivista e bibliotecário.

Observação: Lev nasce em Paraíso dos Livros, numa época em que as pessoas estão a perceber que ignorantes e vagantes terão que trabalhar juntos para evitar serem novamente escravizados pelos adoradores do poder e do dinheiro.

20. Alberto Auctor

Nascimento: Bibliopolis, 20 Dwiterómehns 121.53
Morte: Bibliopolis, 1 Phromehns 122.22
Ocupação: sociólogo e curador

Observação: Alberto é filho de Lev Auctor e Sara Lector. Através do pai, ele tem conhecimento de detalhes relativos à reintegração parcial de famílias vindo de *Elysium* para a Terra.
A sua principal ocupação é o estudo da dinastia Magister-Auctor, como resultado da recuperação e do tratamento de documentos de Megapoleis parcialmente soterradas em consequência da atividade vulcânica entre 121.35 HE e 121.39 HE.

Uma estranha carta

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no contínuo do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no contínuo não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

(Do prefácio de Maria Liber)

A sério!? Um pequeno guia?
Porque surge este pequeno guia agora, sete anos após a primeira edição da saga? Confessamos: escrevemos este texto há muito tempo. Foi o nosso terceiro esboço original da biografia dos antepassados de Alberto Auctor. Sim, o *terceiro*.
Ler ou não ler, tal como a própria Saga.
Já o disse Daniel Pennac, autor do hectano 119: os direitos do leitor incluem o direito de saltar partes de uma obra ou de não a ler.

Maria interessa-se pelas origens e pelo desenvolvimento das línguas e, por isso, possui uma sólida formação em etimologia. Conviveu com Alberto Auctor durante muitos anos e acompanhou-o nas suas investigações sobre antropogogia em geral e a história da dinastia Magister-Auctor em particular.

Com toque de humor, Maria complementa os factos que Alberto fornece sobre a família com informações que recolhe dos seus discursos e pesquisas para a *Imprimatur*.

Com o mesmo tom crítico e ligeiramente irónico, edita todos os 13 volumes que contam a história romanceada desta dinastia.